



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2023/24
6º LEVANTAMENTO

MARÇO 2024

**VOLUME 11
NÚMERO**

6

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA)

Luiz Paulo Teixeira Ferreira

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

João Edegar Pretto

Diretor-Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Lenildo Dias de Moraes

Diretora-Executiva Administrativa, Financeira e de Fiscalização (Diafi)

Rosa Neide Sandes de Almeida

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Thiago José dos Santos

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sílvio Isoppo Porto

Superintendente de Informações da Agropecuária (Suinf)

Aroldo Antonio de Oliveira Neto

Gerente de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerente de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira
Coughlan Hilter Sampaio Cardoso
Eledon Pereira de Oliveira
Janaína Maia de Almeida
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Luciana Gomes da Silva
Marco Antônio Garcia Martins Chaves
Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Amir Haddad
Candice Mello Romero Santos
Eunice Costa Gontijo
Fernando Arthur Santos Lima
Gabriel Da Costa Farias
Lucas Barbosa Fernandes
Rafaela dos Santos Souza
Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Colaboradores

Adonis Boeckmann e Silva (Gerpa – algodão), Danielle Barros Ferreira (Inmet), Flávia Machado Starling Soares (Gerpa – trigo), João Figueiredo Ruas (Gefab – feijão), Leonardo Amazonas (Gerpa – soja), Séfora Silvério (Suinf), Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gerpa – arroz), Rafael Rodrigues Fogaça (Geinf).

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe, Tocantins.

Colaboradores das superintendências

André Araújo (AC); Antônio de Araújo Lima Filho, Lourival Barbosa de Magalhães, Adriano Jorge Nunes dos Santos e Ilo Aranha Fonseca (AL); Érica Alfaia Marialva, Glenda Patrícia de Oliveira Queiroz (AM); Ednabel Caracas Lima, Francisco dos Reis Lopes Neto, Joctã Lima do Couto e Marcelo Ribeiro e Orfrezino Pereira Ramos (BA); Fábio Barbosa Ferraz, José Iranildo da Silva Araújo, Lindeberg da Silva Magalhães e Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros e Neodir Luiz Talini (DF); Gerson Menezes de Magalhães, Lucas Cortes Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Fernandes Lima, Rogério César Barbosa, Sírío José da Silva Júnior e Zirvaldo Zenid Virgolino (GO); Airton Santos de Azevedo, Fernanda Karollyne Saboia do Nascimento Humberto Menezes Souza Filho, Margareth de Cássia Oliveira Aquino e Rogério Prazeres (MA); Benancil Martins Filho, Gabriel Pedrozo Heise, Ismael Cavalcante Maciel Junior, Jorge Luis Cunha, Rodrigo Martinelli Slomoszynski, Raul Pio de Azevedo e Rogério de Souza Silva (MT); Getúlio Moreno, Mário Adriano Silva Moreira, Marcelo de Oliveira Calisto e Edson Yui (MS); Alessandro Lúcio Marques, Benedito Castro de Sousa, Flávio José Goulart, Gabriel Moraes Costa, Hélio Maurício Rezende, Márcio Carlos Magno, Matheus Carneiro de Souza, Pedro Pinheiro Soares, Samuel Valente Ferreira e Warlen Maldonado (MG); Alexandre Augusto Pantoja Cidon, Renato Martins da Silva e Sérgio Alberto Queiroz Costa (PA); Ana Paula Alves Cordeiro, Arthur Ramon de Andrade Rodrigues, Bruno Eduardo Dias Oliveira e Matheus Rodrigues de Sousa (PB); Adilson Valnier, Allan Vinícius Pinheiro Salgado, Charles Erig Daniela Furtado de Freitas, Itamar Pires de Lima Júnior e Jefferson Raspante (PR); Clarissa de Albuquerque Gomes, Herivelton Marcu-lino da Silva, Rafael Silva de Lima, Rinaldo de Souza e Thiago Nery da Cunha (PE); Antônio Cleiton da Silva, Bábiton Leone de Oliveira Herculano, Simone do Nascimento Luz, Thiago Pires de Lima Miranda e Valmir Barbosa de Sousa (PI); Fernando Henrique Vidal Lage, Lire-da Bezerra e Rafael Vagner Machado (RN); Alexandre Rocha Pinto, Carlos Roberto Bestetti, Iure Rabassa Martins, Luciana Dall’Agnese, Márcio Renan Weber Schorr, Matias José Führ (RS); João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro e Raimundo Junil Marques Ribeiro (RO); César Augusto Rubin, Júlio César de Oliveira, Ricardo Agostini Paschoal, Vilmar Barboza Dutra e Wagner Fernandes de Aquino (SC); Cláudio Lobo, Elias Tadeu, Marisete Belloli e Rubens Praude (SP); Flaviano Gomes dos Santos, José Bomfim Oliveira Santos Júnior e José de Almeida Lima Neto (SE); Felipe Thomaz de Souza Carvalho, Bruno Milhomem e Jorge Antônio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Emater-CE); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretária de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bonco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG) , Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do rio de Janeiro (Emater/RJ) ; Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Instituto de Economia Agrícola (IEA-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PRO); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2023/24
6º LEVANTAMENTO

Copyright © 2023– Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Guilherme dos Reis Rodrigues e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Capa: Acervo Conab

Normalização

Márcio Canella Cavalcante - CRB 1/2221

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 11, safra 2023/24, n. 6 sexto levantamento, março 2024.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

9	RESUMO EXECUTIVO
15	INTRODUÇÃO
18	ANÁLISE CLIMÁTICA
25	ANÁLISE DAS CULTURAS
25	ALGODÃO
36	ARROZ
47	FEIJÃO
68	MILHO
91	SOJA
112	TRIGO
115	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO
124	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO



RESUMO EXECUTIVO

A sexta estimativa, para a safra 2023/24, com as informações obtidas na pesquisa de campo, realizadas na última semana de fevereiro, indica um volume de produção de 295,6 milhões de toneladas, 7,6% ou 24,2 milhões de toneladas abaixo do obtido em 2022/23.

Desde o início da presente safra, até meados de dezembro, as condições climáticas foram desfavoráveis nas principais regiões produtoras (Centro-Oeste, Sudeste e Matopiba), que provocaram perdas significativas, sobretudo na cultura da soja, principal produto cultivado no período.

Comparativamente à previsão anterior, divulgada no início de fevereiro, observa-se uma redução na produção de 1,4%, correspondendo a 4,2 milhões de toneladas, com as maiores reduções observadas na soja, com 2,5 milhões de toneladas, no milho, com menos 943,5 mil toneladas, e no trigo, com menos 611,9 mil toneladas.

A área a ser semeada, na presente safra, estimada em 78,1 milhões de hectares, corresponde a uma redução de 0,5% sobre a do ciclo anterior. Lembramos que as áreas das culturas de verão de primeira safra já estão consolidadas, as de segunda safra em processo de plantio e as de terceira safra, juntamente com as de inverno, com plantios a partir de meados de abril.

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

TABELA 1 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR PRODUTO

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2022/23 e 2023/24					
	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	1.663,7	1.935,6	16,3	2.721	2.624	(3,6)	4.526,7	5.078,5	12,2
ALGODÃO - PLUMA	1.663,7	1.935,6	16,3	1.907	1.839	(3,6)	3.173,3	3.560,1	12,2
AMENDOIM TOTAL	220,9	254,2	15,1	4.041	3.313	(18,0)	892,8	842,1	(5,7)
Amendoim 1ª Safra	213,8	247,0	15,5	4.120	3.362	(18,4)	880,9	830,4	(5,7)
Amendoim 2ª Safra	7,1	7,2	1,4	1.669	1.625	(2,6)	11,9	11,7	(1,7)
ARROZ	1.479,6	1.548,7	4,7	6.780	6.813	0,5	10.031,8	10.550,9	5,2
Arroz sequeiro	303,5	314,9	3,8	2.557	2.492	(2,6)	775,9	784,6	1,1
Arroz irrigado	1.176,1	1.233,8	4,9	7.870	7.916	0,6	9.255,9	9.766,3	5,5
FEIJÃO TOTAL	2.699,5	2.799,2	3,7	1.125	1.081	(3,9)	3.036,7	3.026,4	(0,3)
FEIJÃO 1ª SAFRA	857,3	852,7	(0,5)	1.116	1.036	(7,1)	956,7	883,5	(7,7)
Cores	344,6	344,6	-	1.699	1.614	(5,0)	585,5	556,2	(5,0)
Preto	133,4	124,4	(6,7)	1.646	1.308	(20,5)	219,6	162,7	(25,9)
Caupi	379,3	383,7	1,2	400	429	7,4	151,7	164,7	8,6
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.326,2	1.396,3	5,3	962	961	(0,1)	1.275,8	1.341,9	5,2
Cores	351,2	320,5	(8,7)	1.644	1.496	(9,0)	577,5	479,6	(17,0)
Preto	202,4	276,8	36,8	1.642	1.612	(1,8)	332,3	446,1	34,2
Caupi	772,6	799,0	3,4	474	521	10,0	365,9	416,3	13,8
FEIJÃO 3ª SAFRA	516,0	550,2	6,6	1.559	1.456	(6,6)	804,4	801,1	(0,4)
Cores	443,6	463,8	4,6	1.697	1.614	(4,9)	752,7	748,3	(0,6)
Preto	14,4	19,4	34,7	1.015	745	(26,6)	14,6	14,5	(0,7)
Caupi	58,0	67,0	15,5	638	571	(10,6)	37,0	38,2	3,2
GERGELIM	361,2	361,2	-	482	482	-	174,2	174,2	-
GIRASSOL	56,1	56,6	0,9	1.520	1.476	(2,9)	85,2	83,6	(1,9)
MAMONA	51,2	56,9	11,1	1.787	1.641	(8,2)	91,5	93,4	2,1
MILHO TOTAL	22.269,2	20.361,4	(8,6)	5.923	5.538	(6,5)	131.892,6	112.752,7	(14,5)
Milho 1ª Safra	4.444,0	3.969,8	(10,7)	6.160	5.898	(4,2)	27.373,2	23.413,3	(14,5)
Milho 2ª Safra	17.192,7	15.759,1	(8,3)	5.954	5.543	(6,9)	102.365,1	87.348,6	(14,7)
Milho 3ª Safra	632,5	632,5	-	3.406	3.148	(7,6)	2.154,4	1.990,9	(7,6)
SOJA	44.080,1	45.177,9	2,5	3.507	3.251	(7,3)	154.609,5	146.858,5	(5,0)
SORGO	1.417,6	1.533,9	8,2	3.378	3.039	(10,0)	4.788,7	4.661,5	(2,7)
SUBTOTAL	74.299,1	74.085,6	(0,3)	4.174	3.835	(8,1)	310.129,7	284.121,8	(8,4)
Culturas de inverno	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	2023	2024	VAR. %	2023	2024	VAR. %	2023	2024	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
AVEIA	520,1	520,1	-	1.892	2.220	17,3	984,1	1.154,5	17,3
CANOLA	92,1	92,1	-	1.591	1.464	(8,0)	146,5	134,8	(8,0)
CENTEIO	4,5	4,5	-	1.644	2.156	31,1	7,4	9,7	31,1
CEVADA	134,5	134,5	-	2.907	3.823	31,5	391,0	514,2	31,5
TRIGO	3.473,4	3.264,7	(6,0)	2.331	2.937	26,0	8.096,8	9.587,9	18,4
TRITICALE	22,9	22,9	-	2.454	2.996	22,1	56,2	68,6	22,1
SUBTOTAL	4.247,5	4.038,8	(4,9)	2.279	2.840	24,6	9.682,0	11.469,7	18,5
BRASIL (2)	78.546,6	78.124,4	(0,5)	4.072	3.784	(7,1)	319.811,7	295.591,5	(7,6)

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2024.

TABELA 2 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados*						Safras 2022/23 e 2023/24		
Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4.791,3	4.969,1	3,7	3.500	3.322	(5,1)	16.768,0	16.508,8	(1,5)
RR	146,7	165,9	13,1	3.389	3.465	2,2	497,1	574,8	15,6
RO	947,8	962,6	1,6	3.965	3.754	(5,3)	3.757,6	3.613,8	(3,8)
AC	63,9	62,5	(2,2)	3.003	2.936	(2,2)	191,9	183,5	(4,4)
AM	19,8	22,5	13,6	2.783	2.778	(0,2)	55,1	62,5	13,4
AP	12,4	12,6	1,6	1.968	1.913	(2,8)	24,4	24,1	(1,2)
PA	1.587,4	1.608,0	1,3	2.916	2.908	(0,3)	4.629,0	4.676,6	1,0
TO	2.013,3	2.135,0	6,0	3.781	3.454	(8,7)	7.612,9	7.373,5	(3,1)
NORDESTE	9.528,5	9.707,6	1,9	3.114	2.818	(9,5)	29.673,0	27.351,9	(7,8)
MA	1.900,0	1.977,0	4,1	3.875	3.604	(7,0)	7.361,8	7.125,5	(3,2)
PI	1.925,6	1.948,5	1,2	3.531	3.340	(5,4)	6.799,7	6.508,6	(4,3)
CE	954,4	974,0	2,1	488	726	48,9	465,4	707,0	51,9
RN	99,0	110,3	11,4	566	531	(6,1)	56,0	58,6	4,6
PB	219,3	220,3	0,5	696	548	(21,3)	152,6	120,7	(20,9)
PE	387,0	411,7	6,4	773	564	(27,1)	299,2	232,0	(22,5)
AL	96,7	100,2	3,6	2.041	1.496	(26,7)	197,4	149,9	(24,1)
SE	189,2	191,2	1,1	4.963	5.132	3,4	939,0	981,2	4,5
BA	3.757,3	3.774,4	0,5	3.567	3.038	(14,8)	13.401,9	11.468,4	(14,4)
CENTRO-OESTE	34.812,1	34.226,4	(1,7)	4.667	4.030	(13,6)	162.468,4	137.948,1	(15,1)
MT	21.210,6	20.795,9	(2,0)	4.761	4.100	(13,9)	100.980,2	85.258,5	(15,6)
MS	6.320,4	6.313,6	(0,1)	4.438	3.803	(14,3)	28.050,4	24.011,6	(14,4)
GO	7.102,6	6.937,5	(2,3)	4.593	4.015	(12,6)	32.619,1	27.851,6	(14,6)
DF	178,5	179,4	0,5	4.587	4.606	0,4	818,7	826,4	0,9
SUDESTE	6.987,2	6.954,8	(0,5)	4.328	3.810	(12,0)	30.238,4	26.496,8	(12,4)
MG	4.342,9	4.313,2	(0,7)	4.306	3.899	(9,5)	18.702,4	16.818,8	(10,1)
ES	24,3	23,2	(4,5)	2.477	2.207	(10,9)	60,2	51,2	(15,0)
RJ	3,2	3,2	-	3.313	3.344	0,9	10,6	10,7	0,9
SP	2.616,8	2.615,2	(0,1)	4.381	3.677	(16,1)	11.465,2	9.616,1	(16,1)
SUL	22.427,5	22.266,5	(0,7)	3.597	3.920	9,0	80.663,9	87.285,9	8,2
PR	10.744,9	10.482,9	(2,4)	4.285	3.836	(10,5)	46.037,2	40.208,8	(12,7)
SC	1.383,9	1.426,9	3,1	5.091	4.830	(5,1)	7.045,7	6.892,0	(2,2)
RS	10.298,7	10.356,7	0,6	2.678	3.880	44,9	27.581,0	40.185,1	45,7
NORTE/NORDESTE	14.319,8	14.676,7	2,5	3.243	2.988	(7,9)	46.441,0	43.860,7	(5,6)
CENTRO-SUL	64.226,8	63.447,7	(1,2)	4.256	3.968	(6,8)	273.370,7	251.730,8	(7,9)
BRASIL	78.546,6	78.124,4	(0,5)	4.072	3.784	(7,1)	319.811,7	295.591,5	(7,6)

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2024.



INTRODUÇÃO

A Conab apresenta o sexto acompanhamento da safra de grãos 2023/24, com informações atualizadas da primeira safra, conforme a colheita avança, e das lavouras de segunda safra, que têm a semeadura bastante adiantada. Além disso, para as culturas em que o plantio é previsto para acontecer em um momento posterior, como terceira safra e culturas de inverno, a Conab lança mão de estimativas geradas por modelos estatísticos e analisadas com base em previsões climáticas, pacotes tecnológicos, características e época de cultivo.

As estimativas refletem a expectativa de produção no mês anterior à publicação do boletim, levando em consideração as condições climáticas acontecidas e esperadas até o final do cultivo. Assim, há a possibilidade de alteração nos números em caso de condições climáticas adversas ou excepcionalmente favoráveis.

Como parte da metodologia, os dados de produtividade, por cultura e por Unidade da Federação, são inicialmente estimados com o auxílio de modelos estatísticos em relação ao histórico de produtividades. Os modelos permitem segurança nas previsões, levando em consideração os cenários favoráveis e desfavoráveis às culturas. Os dados gerados são analisados para todas as

culturas em todos os estados, considerando as informações climáticas e os pacotes tecnológicos modais de cada estado, também levantados pela Conab. Ao todo, são analisados mais de 540 dados de área e produtividade. Para as culturas que já avançam no seu ciclo e possuem informações mais consolidadas de campo, iniciam-se as revisões dos números iniciais, e os dados são ponderados de acordo com as condições apresentadas em cada região dos estados.

As análises são feitas a partir das condições meteorológicas, sobretudo chuva e temperatura, observadas ao longo do ciclo da cultura, a partir das interpretações de análises de satélite, principalmente a análise evolutiva e comparativa do Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI) e a partir de investigações de campo, tanto subjetivas, contando com a colaboração da nossa rede de agentes colaboradores, por meio da aplicação de questionários, mensalmente, e coletadas mais de 4.000 informações em todo o Brasil, quanto objetivas, com investigação direto nas lavouras dos fatores de produtividade, além do auxílio de mapeamento das áreas.

Mensalmente, os dados de área, produtividade e produção, são atualizados. A estimativa da produção leva em consideração as condições climáticas pontuais, observadas no período de levantamento, assim como os prognósticos para até o final do cultivo.

Nas análises estaduais, são destacados os eventos mais relevantes ocorridos, como início de semeadura, eventos climáticos severos, situação de manejo ou inserção de novas culturas no estado.

A Conab realiza o levantamento da safra brasileira de grãos desde a temporada 1976/77. A constante busca pela qualificação dos dados é exemplificada pela sofisticação dos métodos utilizados pela Conab, para a obtenção dos dados

da safra, sobretudo os ligados ao georreferenciamento e à modelagem estatística, incrementando as informações obtidas subjetivamente, que trazem tempestividade aos dados.

As informações deste boletim devem ser correlacionadas aos dados numéricos publicados em nossa planilha de safra, disponível para download em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos/boletim-da-safra-de-graos>.

Recomendamos a leitura do Boletim de Monitoramento Agrícola, publicado regularmente em <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos/monitoramento-agricola> e do Progreso de Safra, disponível em <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/progreso-de-safra> para acompanhamento sistemático da safra brasileira de grãos.

Boa leitura!



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE FEVEREIRO

Em fevereiro de 2024, foram observados acumulados de chuva acima de 150 mm em grande parte do país, principalmente no oeste e nordeste da Região Norte, bem como noroeste da Região Nordeste, contribuindo para a manutenção da umidade do solo nessas áreas. Já em áreas do leste da Região Nordeste, norte de Roraima e sul do Rio Grande do Sul, menores acumulados de chuvas foram observados, mantendo os níveis de umidade do solo ainda baixos.

Em grande parte da Região Norte, os volumes de chuva foram superiores a 150 mm, principalmente no nordeste do Pará, sudoeste do Amazonas e Acre, onde os volumes de chuva ultrapassaram os 300 mm. De modo geral, os níveis de armazenamento hídrico do solo se encontram elevados, exceto no norte de Roraima, onde os níveis de umidade no solo ainda continuam baixos, devido à falta de chuva nos últimos meses.

Já na Região Nordeste, os maiores volumes de chuva foram observados em áreas do Maranhão, Piauí e Ceará, com valores superiores a 300 mm, contribuindo para a manutenção da umidade no solo e o desenvolvimento

¹ Danielle Barros Ferreira – Meteorologista do Inmet - Brasília.

das lavouras. Na parte leste da região, os acumulados de chuva foram inferiores a 100 mm e em algumas localidades os níveis de umidade no solo ainda continuam baixos.

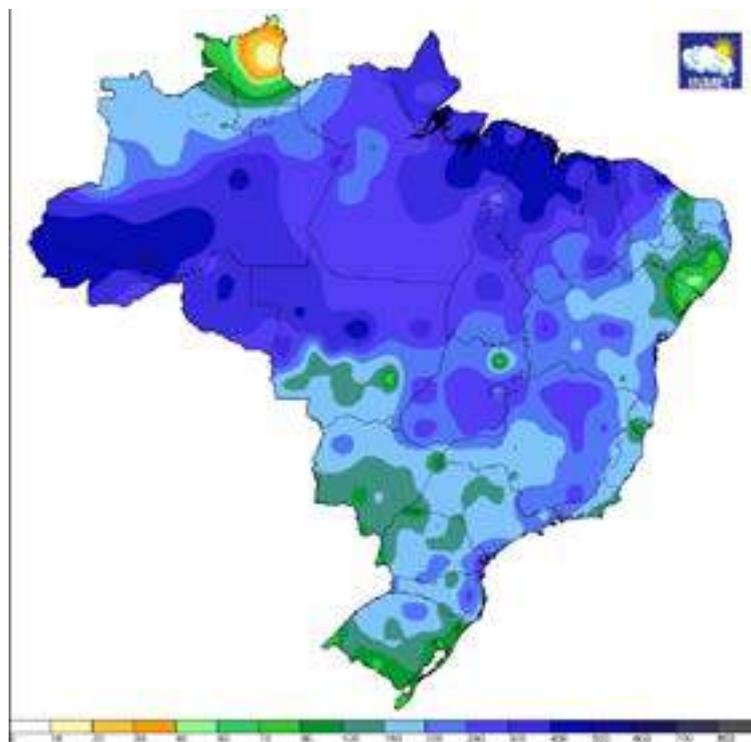
Na Região Centro-Oeste, os maiores volumes de chuva foram observados na parte centro-norte, contribuindo para a elevação dos níveis de umidade no solo, principalmente em áreas do norte do Mato Grosso, Goiás e Distrito Federal, onde os volumes de chuva superaram 250 mm. Nas demais áreas, os acumulados de chuva foram menores, porém a umidade no solo está favorável para o desenvolvimento dos cultivos de primeira e segunda safras na maior parte da região.

Em grande parte da Região Sudeste, foram observados acumulados de chuva acima de 150 mm, exceto em áreas pontuais de São Paulo e Rio de Janeiro, onde os valores foram menores. Ressalta-se que, as chuvas sobre o norte dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo foram suficientes para elevar os níveis de água no solo em relação ao mês anterior. No geral, as condições seguem favoráveis para os cultivos de primeira safra em praticamente toda região.

Os volumes de chuva foram superiores a 150 mm na parte central da Região Sul, mantendo os níveis de umidade do solo satisfatórios. Em áreas do centro-sul e nordeste do Rio Grande do Sul, os volumes de chuva foram mais baixos. Em geral, os níveis de água no solo permaneceram elevados em boa parte da região, e as condições meteorológicas foram favoráveis para o manejo e desenvolvimento dos cultivos de primeira e segunda safras.

Em fevereiro, as temperaturas médias foram superiores a 26 °C nas Regiões Norte e Nordeste, bem como no oeste da Região Centro-Oeste. Nas demais áreas, permaneceram entre 22 °C e 26 °C, com exceção de áreas mais elevadas das Regiões Sul e Sudeste, onde as temperaturas foram inferiores a 22 °C.

FIGURA 1 - ACUMULADO DA PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA EM FEVEREIRO DE 2024



Fonte: Inmet.

1.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Na figura abaixo é mostrada a anomalia de Temperatura da Superfície do Mar (TSM) entre os dias 16 e 29 de fevereiro de 2024. Foram observados valores de anomalias superiores a $0,5^{\circ}\text{C}$ em toda faixa do Pacífico Equatorial, indicando a persistência de aquecimento das águas na região. Considerando a região do Niño 3.4 (área entre 170°W e 120°W), as anomalias médias positivas de TSM têm apresentado pequenas oscilações entre $+1^{\circ}\text{C}$ e $+1,5^{\circ}\text{C}$, indicando a continuidade do fenômeno El Niño de intensidade forte.

FIGURA 2 – MAPA DE ANOMALIAS DE TSM NO PERÍODO DE 16 A 29 DE FEVEREIRO DE 2024

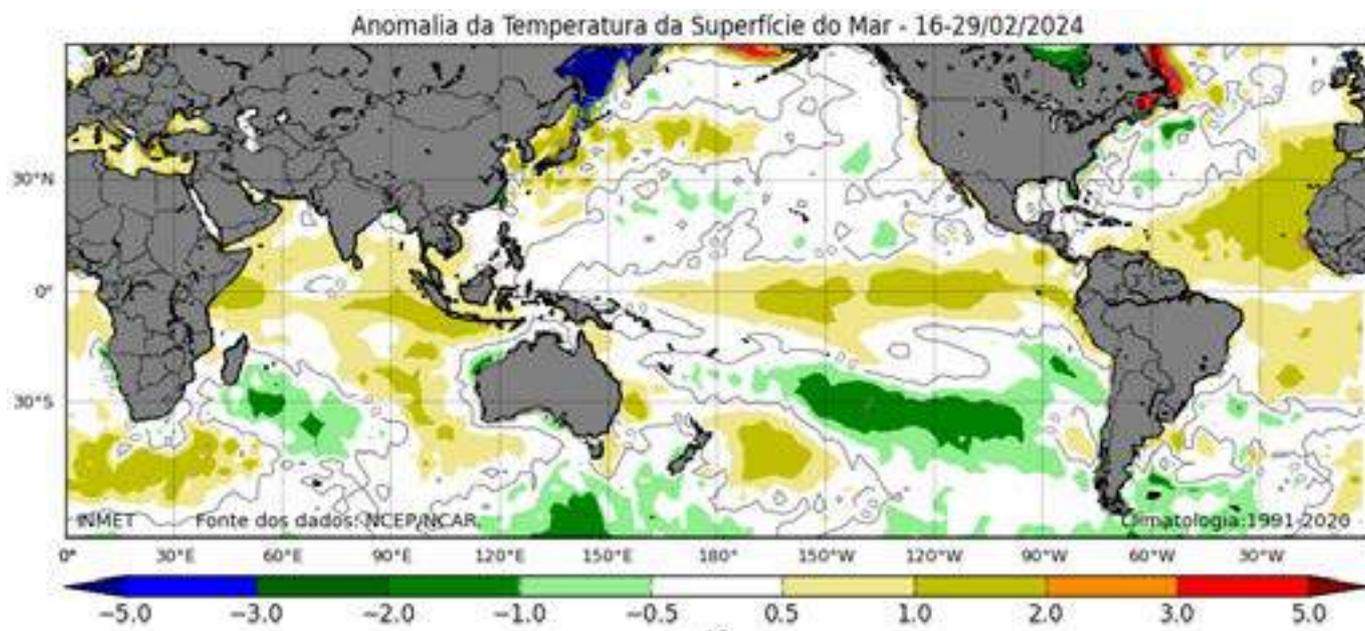
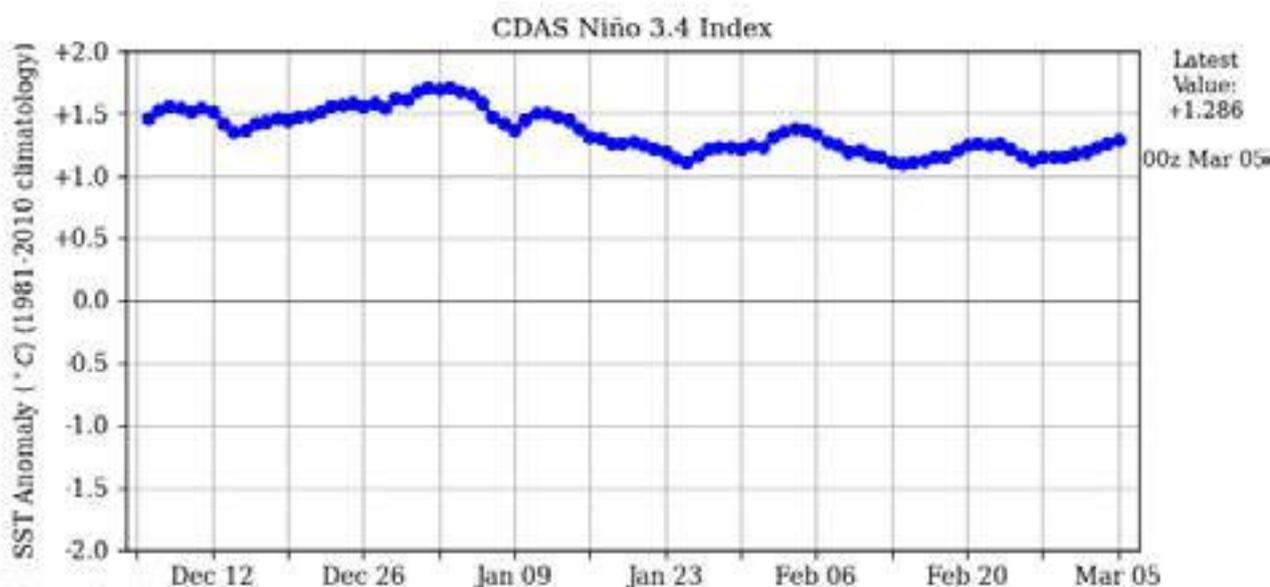


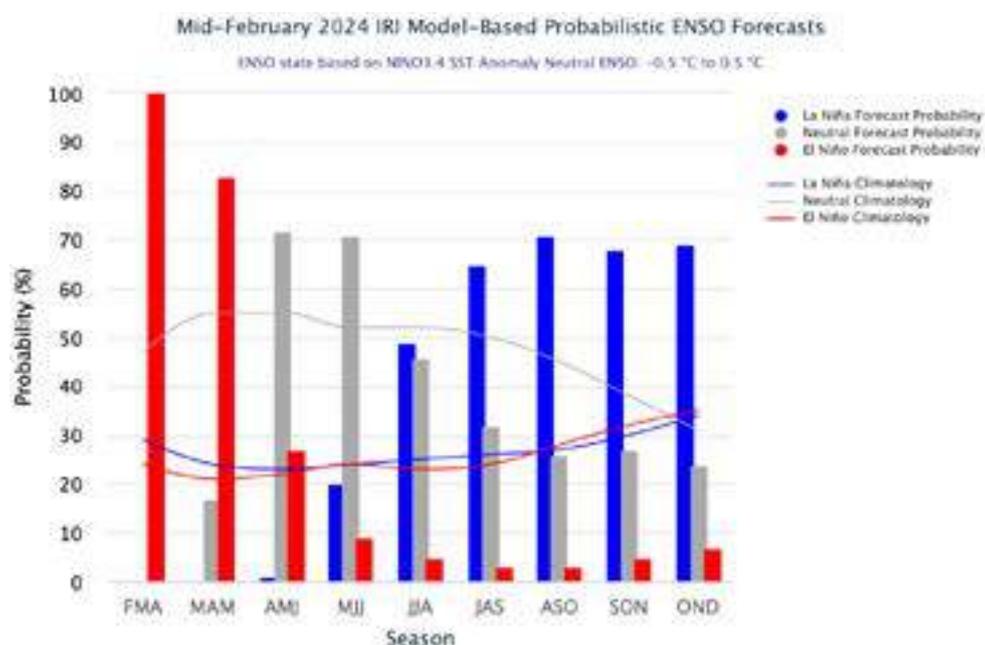
GRÁFICO 1 – MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4



A análise do modelo de previsão do ENOS (El Niño - Oscilação Sul), realizada pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Clima (IRI), aponta, com probabilidade de 80%, que as condições de El Niño (fase quente) se

manterão no trimestre março, abril e maio de 2024. Quanto à intensidade do fenômeno, a maioria dos modelos climáticos indica que o El Niño enfraquecerá gradualmente durante estes meses e fará a transição para neutralidade durante o trimestre abril, maio e junho de 2024, com uma probabilidade de 72%.

GRÁFICO 2 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE *EL NIÑO* OU *LA NIÑA*



Fonte: IRI - <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO MARÇO, ABRIL E MAIO DE 2024

As previsões climáticas para os próximos três meses, segundo o modelo do Inmet, são mostradas na figura abaixo. O modelo indica chuvas abaixo da média em grande parte da Região Norte, Nordeste e Região Centro-Oeste, enquanto a parte leste das Regiões Sul e Sudeste há previsão de chuvas acima da média. Geralmente, entre abril e maio existe uma tendência de redução das chuvas na parte central do país, e as condições previstas de umidade do solo para março ainda serão favoráveis, porém há uma tendência de baixos níveis de água no solo nos meses seguintes.

Analisando separadamente cada região do país, tem-se que para a Região Norte, a previsão é de chuvas acima da média em áreas de Roraima, faixa central do Amazonas, norte de Rondônia e sudeste do Pará. Nas demais áreas, os volumes de chuva podem ficar próximos ou abaixo da média histórica.

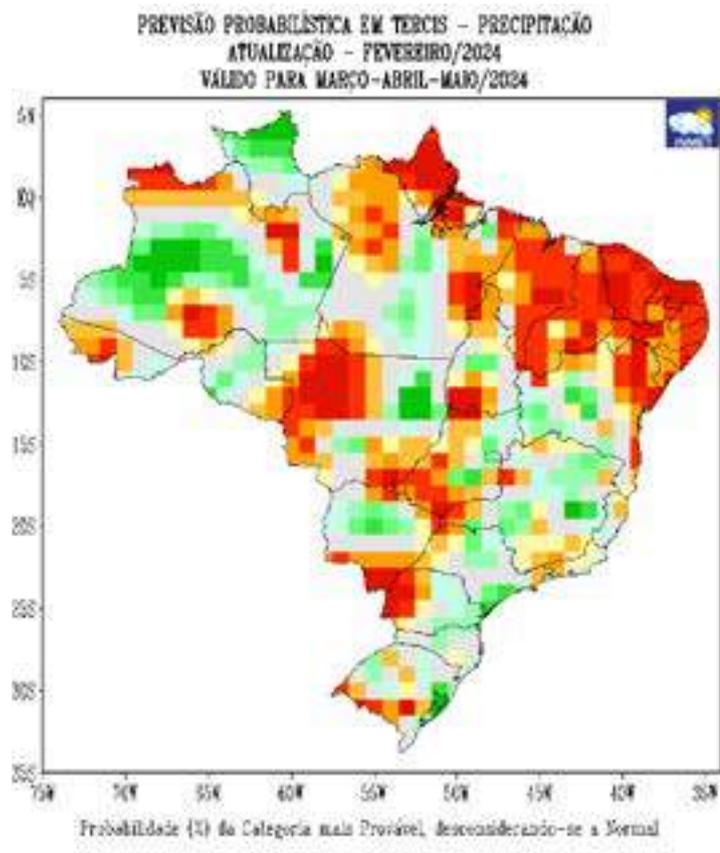
Na Região Nordeste, que inclui áreas do Matopiba e Sealba, há previsão de chuvas abaixo da média, que podem contribuir para a redução do armazenamento hídrico e que podem afetar o desenvolvimento dos cultivos de primeira, segunda e terceira safras. No centro-sul da Bahia, os volumes de chuva podem ficar próximos ou acima da média histórica.

Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, o modelo do Inmet indica chuvas dentro ou acima da média no nordeste do Mato Grosso, parte central de Mato Grosso do Sul, leste de Goiás, Distrito Federal, centro-norte de Minas Gerais e centro-leste de São Paulo. Nas demais áreas, são previstas chuvas abaixo da média, que podem contribuir para a redução dos níveis de água no solo em abril e maio.

Na Região Sul, são previstas chuvas dentro e acima da média, exceto no oeste do Paraná e sudoeste do Rio Grande do Sul, onde as chuvas podem permanecer abaixo da média, podendo afetar os níveis de água no solo nos próximos meses.

Em relação à temperatura média do ar, o modelo continua indicando temperaturas acima da média climatológica em praticamente todo o país, especialmente em áreas do Centro e Norte do Brasil, com valores médios ultrapassando 25 °C. Destaque para as Regiões Norte e Nordeste, onde as temperaturas poderão ultrapassar 28 °C. Já em áreas serranas das Regiões Sul e Sudeste, as temperaturas podem ser inferiores a 18 °C a partir de abril, pois geralmente tem-se a entrada das primeiras massas de ar frio.

FIGURA 3 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE MARÇO, ABRIL E MAIO DE 2024



Fonte: Inmet.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do Inmet (<https://portal.inmet.gov.br>)

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

1.935,6 mil ha

16,3%

PRODUTIVIDADE

1.839 kg/ha

-3,6%

PRODUÇÃO

3.560,1 mil t

12,2%

Comparativo com safra anterior.

Algodão em pluma.

Fonte: Conab

TABELA 3 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ALGODÃO EM PLUMA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.174,7	1.708	2.005,8
2018/19	1.618,2	1.717	2.778,8
2019/20	1.665,6	1.802	3.001,6
2020/21	1.370,6	1.721	2.359,0
2021/22	1.600,4	1.596	2.554,1
2022/23	1.663,7	1.907	3.169,9
2023/24	fev./24	1.877,1	3.288,1
	mar./24	1.935,6	3.560,1

Fonte: Conab.

Com a semeadura completa nos principais estados produtores de algodão, a produção de pluma prevista é de aproximadamente 3.560 mil toneladas de produto, 12,2% maior que a safra passada. Esse incremento na previsão de produção foi impulsionado pelo aumento de área do principal produtor nacional, Mato Grosso, com 219 mil hectares plantados a mais que na safra passada. Com a produção essencialmente em estágio de desenvolvimento vegetativo nos entes produtores, com exceção de São Paulo, que apresenta aproximadamente 40% das lavouras em maturação, o clima é propício a essa fase fenológica e poderá consolidar a safra como maior produção da série histórica da cotonicultura.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: a estabilização da pluviosidade, com um equilíbrio adequado de chuva e sol, tem sido favorável ao desenvolvimento do algodoeiro, especialmente no estágio de floração. No entanto, em alguns momentos, ao longo de fevereiro, intensas chuvas limitaram o manejo da cultura, sobretudo em relação à aplicação de defensivos e adubação de cobertura.

O plantio foi finalizado, com um apontamento de aumento de área em todas as regiões produtoras de algodão do estado. O quadro adverso para as principais culturas, a soja e o milho, fez com que houvesse a migração para a cultura do algodão, seja devido a áreas não semeadas com soja, por causa as condições climáticas adversas, seja como substituição de área, que seria alocada ao milho, produto que enfrenta preços baixos, e riscos climáticos na segunda safra.

As lavouras apresentam aspecto saudável no estágio predominantemente vegetativo. Os cotonicultores têm empenhado esforços na contenção

de praga, como o bicudo, além de outras pragas próprias do herbáceo e migradas das lavouras de soja.

Bahia: estima-se aumento da área em relação à safra passada. A expansão do cultivo deve-se aos bons resultados obtidos na safra passada e à expectativa do aumento do mercado internacional. Estima-se redução da produtividade em relação à safra passada, apesar das boas características fisiológicas que as lavouras estão apresentando.

As chuvas ocorridas durante fevereiro propiciaram boas condições para as lavouras de sequeiro, favorecendo o desenvolvimento das plantas. As lavouras de sequeiro estão com o plantio finalizado e seguem com bom desenvolvimento em estágio de desenvolvimento vegetativo e florescimento, não sendo observadas perdas ou danos devido à irregularidade hídrica. As lavouras irrigadas estão com a semeadura praticamente finalizada, implantada em sucessão ao cultivo de soja.

Devido ao risco climático de previsão de chuvas abaixo da média, houve a migração de 18 mil hectares de lavouras do manejo de sequeiro para o irrigado em vista de manter a produção e não perder espaço no mercado internacional.

Mato Grosso do Sul: apesar da menor precipitação na região norte, principal em produção da fibra, quando comparada aos anos de clima normal, as chuvas têm sido suficientes para garantir o excelente desenvolvimento das lavouras, gerando expectativa que a produtividade seja maior que a do levantamento anterior.

Há uma pequena redução na área estadual porque não se concretizaram todas as lavouras que estavam previstas para semeadura em segunda safra. Sem os excessos de umidade, a pressão de doenças está menor, aumentando

a eficiência dos fungicidas protetores, que estão garantindo ótima sanidade de plantas.

Por outro lado, o clima tem favorecido o aumento populacional de mosca-branca e pulgão, sendo necessário repetidas aplicações de inseticidas nas lavouras. Com a aproximação das fases reprodutivas, houve reforço nas baterias de aplicações para o controle do bicudo-do-algodoeiro, com pulverizações semanais de malation em bordadura e, quando constado pelo monitoramento de insetos no interior do talhão, faz-se em área total. Outro trato cultural executado no período foi a adubação de cobertura com nitrogênio e potássio, sendo feita duas doses pela maioria dos produtores.

Maranhão: o cultivo de algodão ocorre nos municípios de Balsas e Tasso Fragoso, nos Gerais de Balsas, no sul do estado. O plantio da primeira safra de algodão foi realizado entre dezembro de 2023 e o início de janeiro de 2024.

As lavouras de primeira safra estão em boas condições, nos estádios de desenvolvimento vegetativo, com botões florais e no início da floração, com populações de aproximadamente 100 mil plantas por hectares. As lavouras apresentam ótima sanidade e controle de pragas, com pouca presença de pulgão, mosca-branca, lagarta e bicudo.

Na presente safra, a área de plantio do algodão de primeira safra teve um aumento em relação à safra anterior. A produtividade média permanece com expectativa positiva, mesmo com certa oscilação das condições climáticas.

Já a segunda safra de algodão, cultivada em Balsas, no sul do estado, teve sua semeadura entre a segunda quinzena de janeiro e a primeira quinzena de fevereiro, após a finalização da colheita da soja. As lavouras de algodão safrinha se encontram em desenvolvimento vegetativo.

Na safra atual, a expectativa de plantio da segunda safra de algodão é de uma área de quase o dobro da área alcançada na safra anterior, devido à substituição de área de outras culturas, como soja e milho.

Minas Gerais: o atraso das precipitações nas regiões produtoras dificultou um pouco o plantio do algodão no início da temporada. Porém, a retomada das chuvas com maiores volumes, a partir de meados de dezembro, possibilitou que a semeadura das lavouras de sequeiro, consideradas de primeira safra, tivessem seu plantio concluído ainda em dezembro. As áreas irrigadas tiveram seu plantio concluído apenas em fevereiro.

Alguns municípios no norte do estado sofreram com a irregularidade das chuvas, e apresentaram falhas no estande, que, em casos pontuais, resultou em replantio, ainda em dezembro do ano passado. As lavouras mais adiantadas apresentam flores até no terço superior da planta, enquanto a maior parte das lavouras ainda se encontra em desenvolvimento vegetativo. As lavouras se desenvolvem de maneira satisfatória, no geral, com os produtores realizando o monitoramento de ocorrência de doenças em razão do tempo mais nublado e chuvoso recentemente.

Para esta safra, é esperado aumento de área em comparação ao registrado na safra passada. Esse aumento se deve à oportunidade de mercado, já que os produtores veem o cultivo da fibra vegetal como melhor alternativa, uma vez que o produto se manteve valorizado no mercado, enquanto as cotações de soja e milho oscilaram no momento de tomada de decisão

Goiás: o plantio da segunda safra segue no estado, restando em torno de três mil hectares a serem semeados. As lavouras consideradas de primeira safra seguem com pelo menos 60% na fase reprodutiva, entre abertura de botões florais e início de formação de maçãs. As condições climáticas favorecem o desenvolvimento da cultura. A umidade do solo é ideal até

fevereiro. Os tratamentos fitossanitários e as adubações de cobertura seguem semanalmente, sendo realizadas em todas as áreas estabelecidas.

Dias com precipitações alternados, com períodos de sol, favorecem o desenvolvimento da cultura. As temperaturas um pouco mais amenas em relação a janeiro e dezembro também contribuem. A umidade do solo é considerada satisfatória e não foram reportados, até o momento, adversidades climáticas que comprometessem as lavouras.



Foto 1 -Algodão em floração - Perolândia-GO

Fonte: Conab.

Paraíba: até fevereiro, 11,7% da intenção total de plantio foi efetivamente semeada. Fato acarretado pela má distribuição das chuvas, mesmo com a pluviosidade sendo superior ao aferido no mesmo período do ano passado. Tal cenário desmotivou o início do plantio. Quanto às fases fenológicas, a cultura se encontra com 60% em emergência e 40% em desenvolvimento vegetativo.

Paraná: o clima seco e quente de dezembro e em grande parte de janeiro afetou a cultura, que tem a estimativa de produtividade rebaixada em relação à safra anterior e ao último levantamento.

A área total da cultura sofreu algumas oscilações ao longo do plantio, estando consolidada. Alguns produtores, que inicialmente plantariam a cultura, acabaram não efetivando o plantio. A fase predominante neste levantamento é floração.

São Paulo: o algodão, como as demais culturas, sofreu drasticamente com a ausência hídrica, o que reduziu a previsão de produtividade em relação à safra passada. Holambra e região de Martinópolis estão com o andamento da safra mais adiantados. Já em Riolândia, o desenvolvimento segue mais lentamente em virtude do seu calendário de plantio.

Nesta safra, as condições do ciclo do algodoeiro estão bastante desafiadoras, com temperaturas elevadas e a falta de chuvas agravaram a pressão de pragas como: mosca-branca, tripes e o pulgão.

A área de algodão, em relação à safra passada, apresentou redução devido aos custos de produção, pois é uma cultura que se utiliza de equipamentos próprios e maquinário específico. Os produtores que cultivam o algodão, em sua maioria, pertencem à região de Holambra, e nesta safra reduziram suas áreas, priorizando a soja.

Os estágios de desenvolvimento estão diferentes nos dois polos produtores. A região de Holambra e Martinópolis está com a safra mais adiantada, pois em torno de 30% se encontra em floração, boa parte em frutificação e o restante em maturação. No que se refere à Riolândia, as lavouras se encontram com 100% em desenvolvimento vegetativo.

Tocantins: as chuvas estão bem distribuídas, favorecendo as lavouras que entraram em fase. Nos municípios de Dianópolis e Campos Lindos, as lavouras entraram em fase reprodutiva. O nível tecnológico adotado na produção é alto, são realizadas quatro aplicações no controle do bicudo, duas

para ramulária, três para pulgão, uma para mosca-branca e três aplicações no controle de plantas invasoras. Na região de Tocantínia, o algodão é de segunda safra, onde o plantio é realizado em sucessão à colheita da soja. As lavouras estão em desenvolvimento vegetativo

Rondônia: as chuvas vêm ocorrendo de forma constante e bem distribuídas nas áreas de plantio do algodão, proporcionando segurança nas atividades de condução da cultura.

As áreas de cultivo já estão 100% implantadas. As lavouras se apresentam em fase de desenvolvimento vegetativo, mas já demonstrando indícios de reprodução, com a formação de botões florais

Rio Grande do Norte: o algodão é uma cultura pouco cultivada no estado, pois as intempéries climáticas e preços pouco remuneradores no mercado local fizeram com que a grande maioria dos produtores abandonassem essa atividade, optando por culturas de subsistência, tais como milho e feijão.

Piauí: confirmou-se um aumento de área em relação à safra anterior. Até o momento, os impactos do fenômeno climático El Niño têm sido pouco relevantes para o desenvolvimento da cultura, assim, estima-se que se obtenha boas produtividades.

Há sinalização de aumento de área, com ampliação de áreas que já cultivam a cultura como incorporação de novas áreas, situação que deve continuar se observando nas próximas safras. Lavouras continuam se desenvolvendo em boas condições e se encontram em desenvolvimento vegetativo em sua totalidade.

Ceará: as precipitações em 2024 estão ocorrendo de forma irregular. Contudo, as chuvas em fevereiro vieram a ocorrer de forma tardia, ocorrendo

somente após o décimo dia do mês. Com isso, diversos produtores ainda estão aguardando as chuvas se consolidarem para iniciar o plantio.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Algodão - Safra 2023/2024										
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Leste Rondoniense	0,68			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
TO	Oriental do Tocantins	0,32		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	2,23		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
	Sul Maranhense - 2ª Safra					S/E/DV	DV	F	FM	FM/M	M/C	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense	0,86		S/E	E/DV	DV	F/FM	FM	FM/M	M/C	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	20,80		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/FM	F/FM	FM/M	FM/M/C	FM/M/C	M/C	C
	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	45,87		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra	6,74		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C
MT	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra	0,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra	0,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C
MS	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra	13,99		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra	1,83		S/E/DV	DV	F	F/FM/M	FM/M/C	M/C	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
GO	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	0,51	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano - 1ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Leste Goiano - 2ª Safra	1,48		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 1ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
MG	Sul Goiano - 2ª Safra	0,67	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas - 1ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Noroeste de Minas - 2ª Safra	0,68	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

Dados recentes levantados pelas equipes da Conab, para o sexto levantamento da safra 2023/24, apontam uma redução da produtividade de 3,6% desta safra brasileira em relação à anterior.

O país deverá atingir uma safra recorde de algodão em pluma, na ordem de 3,6 milhões de toneladas, com crescimento de 12,2%. Este volume assegura ao Brasil a terceira posição mundial de produção de algodão, com uma boa folga em relação aos Estados Unidos, de acordo com dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Esse volume produzido no Brasil poderá ser alcançado devido ao aumento de 16,3% da área destinada ao algodão em detrimento de outras culturas.

De acordo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), em 2023 foram exportadas 1,6 milhão de toneladas de algodão em pluma. A China foi o principal destino, correspondendo a 48% do volume. Bangladesh, Vietnã, Turquia e Indonésia também adquiriram volumes consideráveis da pluma brasileira. Para a próxima safra, a expectativa é que as exportações cresçam 53%, chegando a 2,48 milhões de toneladas. Por outro lado, também se espera um crescimento das importações, as quais devem atingir 4 mil toneladas. Estes valores foram construídos dentro de um cenário no qual o mercado trabalha com expectativa de um maior crescimento da economia mundial, principalmente a chinesa.

Sobre a demanda interna, a expectativa é que o consumo brasileiro de pluma cresça 7,35% nesta safra, chegando a 730 mil toneladas em 2024. Mesmo com o crescimento do consumo e das exportações, o estoque final de algodão em pluma deverá crescer 16,1% e atingir o volume de 2,55 milhões de toneladas.

TABELA 4 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
2017/18	629,1	2.005,8	19,6	2.654,5	700,0	974,0	980,5	
2018/19	980,5	2.778,8	1,7	3.761,0	720,0	1.613,7	1.427,3	
2019/20	1.427,3	3.001,6	2,2	4.431,1	690,0	2.125,4	1.615,7	
2020/21	1.615,7	2.359,0	4,6	3.979,3	720,0	2.016,6	1.242,7	
2021/22	1.242,7	2.554,1	2,3	3.799,1	675,0	1.803,7	1.320,4	
2022/23	1.320,4	3.173,3	1,7	4.495,4	680,0	1.618,2	2.197,2	
2023/24	fev/24	2.197,2	3.288,1	4,0	5.489,3	730,0	2.480,0	2.279,3
	mar/24	2.197,2	3.560,1	4,0	5.761,3	730,0	2.480,0	2.551,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2024.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.548,7 mil ha

+4,7%

PRODUTIVIDADE

6.813 kg/ha

+0,5%

PRODUÇÃO

10.550,9 mil t

+5,2%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab

TABELA 5 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ARROZ

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.972,1	6.118	12.064,2
2018/19	1.702,5	6.158	10.483,6
2019/20	1.665,8	6.713	11.183,4
2020/21	1.679,2	7.007	11.766,4
2021/22	1.617,3	6.666	10.780,5
2022/23	1.479,5	6.779	10.030,4
2023/24	fev/24	1.575,0	10.791
	mar/24	1.548,7	10.550

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

A semeadura nas principais áreas produtoras de arroz no país já foi concluída, apesar das adversidades climáticas, num cenário semelhante nas diversas regiões, com chuvas em excesso no início do ciclo, seguidos de dias com clima seco e quente. A maioria das lavouras se encontra em diversos estádios fenológicos, com destaque para as áreas de cultivo já realizando a operação de colheita em Santa Catarina, atingindo mais de 56% da área total, e Goiás com 25% colhida.

Houve aumento de área cultivada, tanto do arroz irrigado quanto do sequeiro, comparada com a safra passada, principalmente devido à expectativa com a melhoria dos preços praticados no mercado do cereal.

A área de arroz irrigado foi estimada em 1.233,8 mil hectares, com aumento de 4,9%, comparada à safra anterior. Quanto ao arroz de sequeiro, houve um aumento de área em 3,8% em relação à safra 2022/23, estimada, para a safra 2023/24, em 314,9 mil hectares.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a semeadura nas áreas produtoras do estado foi concluída, onde, constatou-se uma leve redução de área decorrente das chuvas excessivas e enchentes ocorridas no período da semeadura, inviabilizando a operação em algumas áreas..

Na região da Fronteira Oeste observou-se o início da colheita que, até o momento, alcançou uma produtividade bem acima das áreas colhidas em outras safras e semeadas na mesma época, assim como a qualidade do produto colhido, estando acima de 62% de grãos inteiros, com uso de cultivares de alta produtividade e excelente qualidade de grão.

Nas demais regiões do estado, a lavoura de arroz tem bom desenvolvimento, superando boa parte das adversidades climatológicas enfrentadas no início do ciclo. Atualmente, os estágios de desenvolvimento são, principalmente, 38% em floração, 23% em fase de enchimento de grãos e 31% em maturação. A área colhida ainda não atingiu 1% da área estadual, tendendo ao avanço da operação em todas as áreas implantadas. Nas regiões de Campanha e Zona Sul, a incidência de baixas temperaturas pode ter efeitos prejudiciais

às lavouras, principalmente para as plantas no período de floração.

Santa Catarina: com o início da colheita na região sul, o que se observa é uma tendência na redução da produtividade das lavouras, devido ao excesso de precipitação no início do plantio, o que prejudicou a implantação da cultura e o desenvolvimento inicial, bem como a ocorrência de temperaturas elevadas durante o florescimento, podendo ter causado abortamento de flores.

Ainda assim, considerando a plasticidade e a capacidade de recuperação das plantas de arroz e com o manejo adequado das lavouras sendo executada seguindo as recomendações técnicas, a expectativa ainda é de uma boa safra. Sob a questão de sanidade nas áreas de plantio, observa-se o aumento de plantas invasoras, principalmente o arroz vermelho.

O forte calor, aliado com chuvas na colheita (que já atinge mais de 40% no estado), têm demonstrado também algumas variedades mais suscetíveis ao brotamento no cacho, sendo nas primeiras lavouras colhidas, algumas áreas apresentaram grãos de baixa qualidade e rendimento, com aumento de grão gessado.

Tocantins: as chuvas tem sido bem distribuídas nas áreas de arroz irrigado, favorecendo o desenvolvimento da cultura, que está em diferentes estágios. A colheita começou a avançar para outras regiões do estado, na região da Lagoa da Confusão/TO, a produtividade inicial tem ficado entre 70 scs/ha a 100 scs/ha, sendo áreas que sofreram com a falta de água para irrigação no início do cultivo, e o produto colhido, tem obtido rendimento de 40% a 50% de grãos inteiros.

Na região de Formoso do Araguaia/TO, há áreas que não estão colhendo um talhão completo, visto que as lavouras ficaram com a maturação irregular devido às adversidades no clima da região.

A produtividade média melhorou com o avanço da colheita, com média de 93 scs/ha. Nas áreas com plantio de arroz de sequeiro, as chuvas regulares no estado favorecem as lavouras que entraram em fase reprodutiva, enchimento de grãos e maturação, com plantas em diferentes estágios fenológicos. A semeadura foi estendida até janeiro, com aumento de área de abertura para a cultura da soja em virtude da melhora dos preços praticados na época.

Goiás: ocorreu incremento de áreas irrigadas no estado sob pivôs centrais, motivado pelo preço do cereal. As lavouras já se encontram em fase vegetativa e em boas condições fisiológicas. Já as lavouras conduzidas em tabuleiros estão distribuídas em diversos estágios, desde vegetativo à maturação, onde algumas áreas já estão em fase inicial de colheita, com bons rendimentos.

As chuvas interromperam a colheita em algumas localidades, mas com atrasos pontuais. Algumas áreas no estado foram semeadas em condições de sequeiro em razão do mercado bastante favorável em preços pagos ao produtor (assim como o irrigado), e as condições climáticas são favoráveis, até o momento, para a cultura. As indústrias compram toda a produção, visto que grande parte do estado importa o produto de outros estados.



Foto 2 - Arroz em desenvolvimento vegetativo - Santa Fé-GO

Fonte: Conab.

Maranhão: a colheita do arroz irrigado foi praticamente finalizada, restando apenas poucas áreas do município de Viana. Houve aumento de área em relação à safra anterior devido abertura de novas áreas de plantio de novos cultivos. O plantio do arroz de sequeiro, com as chuvas significativas, foi finalizado, e as lavouras se encontram em desenvolvimento vegetativo, floração e início de enchimento de grãos.

Nas regiões da Baixada Maranhense, ao norte, e no Médio Mearim, no centro do estado, ocorre o cultivo de arroz em sistema de cultivo “sequeiro favorecido”, que consiste no cultivo de sequeiro com uso de cultivares de arroz irrigado, em área planas onde ocorre inundação natural dos campos por águas das chuvas, sem controle de irrigação, com pacote tecnológico mais moderno, onde as lavouras se apresentam em desenvolvimento vegetativo e no início da floração.

A maior parte do cultivo de arroz de sequeiro é realizada pela agricultura familiar, em plantios consorciados com milho, feijão-caupi e mandioca. Contudo, observou-se a redução drástica de área de plantio da agricultura familiar, na maior parte dos municípios do estado, ocasionada pelo atraso do início das chuvas e pela dificuldade na aquisição de sementes para o plantio.



Foto 3 - Arroz em desenvolvimento vegetativo - Arari-MA

Fonte: Conab.

Minas Gerais: as áreas irrigadas no sul do estado se desenvolveram satisfatoriamente, visto que, apesar da irregularidade das chuvas, houve disponibilidade de água suficiente para manutenção dos tabuleiros encharcados durante o período de desenvolvimento das lavouras. A colheita do arroz irrigado já atinge cerca de 25% da área total cultivada, e, até o momento, o arroz obtido está sendo considerado de boa qualidade. Para as áreas de arroz de sequeiro, especialmente da região norte do estado, a situação das lavouras é regular, pois ocorreu desenvolvimento insatisfatório e perdas de lavouras devido à estiagem prolongada na região de plantio de outubro a dezembro. Com o retorno das chuvas, parte das lavouras se recuperaram e foi realizado o replantio em algumas áreas de lavouras perdidas. Porém, a expectativa é de redução da produtividade em relação à safra anterior.

Mato Grosso: as chuvas ocorreram em quantidade adequada, de acordo com a exigência hídrica da cultura. A colheita segue um pouco mais que 6% da área estadual, apresentando grãos com boa qualidade e número de inteiros dentro da tolerância. As lavouras estão principalmente nos estádios de enchimento de grãos e maturação, apresentando desenvolvimento vegetativo robusto e promissor. A colheita deve ganhar mais tração na segunda quinzena do mês vigente, quando parte dos arrozais das áreas convencionais estarão em pleno ponto de colheita.

Mato Grosso do Sul: após a colheita da área plantada nos primeiros talhões houve nova semeadura, aumentando a área de plantio do estado, incentivado pelos preços praticados no mercado, contudo, estes cultivos tardios, somados aos casos de restrição de água, estão reduzindo a estimativa de produtividade, gerado ainda pelas dificuldades no controle de plantas daninhas, principalmente do arroz vermelho, além do aumento na incidência de doenças como a brusone, advinda dos esporos dos fungos provenientes das lavouras mais antigas.



Foto 4 - Arroz irrigado em florescimento - Douradina-MS

Fonte: Conab.

São Paulo: quanto aos recursos hídricos na região do vale do Paraíba, estes se mantiveram favoráveis, e nas regiões de Guaratinguetá e Pindamonhangaba estimam que 50% do arroz já se encontra colhido. As áreas de plantio sob condições de sequeiro são pouco produzidas no estado, sendo este produto consumido na própria propriedade como subsistência. Nessas áreas houve dificuldades na manutenção da irrigação, além da ocorrência de altas temperaturas durante o ciclo vegetativo, com significativa redução na produtividade da lavoura.

Paraná: nas áreas de maior produção do arroz irrigado, no noroeste paranaense, houve a ocorrência de chuvas excessivas e enchentes, mais no início do desenvolvimento vegetativo, no qual necessitou a realização de replantio das áreas destruídas nas lavouras mais próximas às margens do nível de rios, provocando a redução da área total do estado.

O clima nas áreas produtoras passou a ficar seco e quente, estando atualmente com precipitações não muito intensas nas áreas de plantio do estado.

A semeadura foi concluída, e as lavouras se encontram em diversos estádios fenológicos, principalmente floração e frutificação, com áreas já em maturação. Quanto ao arroz de sequeiro, também ocorreram influência de chuvas excessiva no início do ciclo da cultura, seguido de clima seco e quente, deixando muitas parcelas com desenvolvimento prejudicado. Com atuais chuvas mais frequentes, até o momento, a maior parte das lavouras (67%) apresentam bom desenvolvimento. A produtividade teve redução em relação à última safra devidos aos fatores climáticos aliados à baixa tecnologia aplicada tradicionalmente nesta cultura.

Rondônia: a estiagem prolongada, com a ocorrência de altas temperaturas e escassez hídrica nas regiões de plantio de arroz sequeiro no Centro/Norte do estado, provocaram a implantação tardia da cultura. Com a regularidade das chuvas, as condições foram favoráveis ao desenvolvimento, melhorando a expectativa de uma boa produtividade. Na região mais ao sul do estado, as áreas de rizicultura implantadas, mesmo com precipitações esparsas, não houve comprometimento significativo na produção. Em áreas onde a soja precoce não se desenvolveu satisfatoriamente por falta de chuvas, depois que as precipitações se regularizaram, houve plantio do arroz, aumentando a área total no estado.

Piauí: o cultivo do arroz ocorre geralmente nas áreas da agricultura familiar e com maior frequência na região semiárida do estado, dependendo dos fatores climáticos adequados para o bom desenvolvimento da cultura. A lavoura está predominantemente em desenvolvimento vegetativo, e apresenta boas condições, em sua maioria, apesar de áreas em situação ruins, principalmente no sudeste do estado.

Amazonas: nas localidades em que o quantitativo de arroz é exclusivamente da agricultura familiar, encontra-se todo plantado, enquanto que o plantio

de arroz na região de Humaitá ocorre após a colheita da soja, que, nesta safra, pode aumentar a área plantada.

Pará: o arroz irrigado está com o plantio finalizado, e as lavouras estão em excelentes condições.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica			
Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	
		Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	
		Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	
		Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
		Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
		Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2023/2024											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	
RR**	Norte de Roraima	0,72						S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
RO	Leste Rondoniense	0,62						S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C	
TO**	Ocidental do Tocantins	4,71			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C		
MA	Centro Maranhense	0,58						S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F	EG/M/C	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense	2,91			S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
GO**	Leste Goiano	0,57		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	1,17	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	C				
SC**	Norte Catarinense	1,32	S/E	S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C				
	Vale do Itajaí	2,02	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
	Sul Catarinense	7,45	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	6,20		PS	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense	4,08		PS	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre	16,93		PS	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense	29,07		PS	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C			
	Sudeste Rio-grandense	14,77		PS	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C			

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita. (**)=irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a safra brasileira 2023/24 de arroz será 5,2% maior que a produção da safra passada, sendo projetada em 10,6 milhões de toneladas.

Este resultado é reflexo, principalmente, da estimativa de significativa expansão de área em meio à recuperação da rentabilidade projetada para o setor. Além deste fato, ressalta-se que o cenário climático de excesso de chuvas no Rio Grande do Sul, principal estado produtor, tem refletido em redução de área de soja e expansão da orizicultura nas regiões de várzea no estado.

Sobre o quadro de oferta e demanda do arroz, neste sexto levantamento, estima-se uma expansão do consumo nacional para 10,5 milhões de toneladas, nas 2022/23 e 2023/24. Esta revisão foi realizada com base na significativa expansão da comercialização contabilizada na Taxa de Cooperação e Defesa da Orizicultura (CDO), descontado o saldo da balança comercial do Rio Grande do Sul em 2023.

Mais especificamente sobre a balança comercial, as exportações, na safra 2021/22, apresentaram um significativo volume comercializado e encerrou 2022 com 2,1 milhões de toneladas vendidas, em razão da boa competitividade do grão no mercado internacional e quebra da safra norte-americana.

Na safra 2022/23, em meio a um cenário de menor disponibilidade do grão e de maiores preços internos, notou-se uma retração do volume comercializado com o mercado externo para 1,8 milhão de toneladas, sendo este valor próximo da média comercializada ao longo dos últimos anos, com exceção da safra 2020/21, que apresentou movimentação atípica.

Para a safra 2023/24, apesar da recuperação produtiva, os preços internos acima das paridades de exportação e a recomposição produtiva norte-americana resultarão em uma provável redução dos volumes exportados para 1,5 milhão de toneladas pelo Brasil.

Sobre as importações, o país importou 1,5 milhão de toneladas e, para 2024, projeta-se uma manutenção do volume importado em 1,5 milhão, em razão ainda da necessidade de recomposição da oferta nacional. Com isso, em meio aos números apresentados, a projeção é que o estoque de passagem apresente estabilidade ao longo de 2024, com um volume estimado de 1,8 milhão de toneladas ao final do ano em curso.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
2017/18	2.121,9	12.064,2	842,7	15.028,8	10.793,7	1.809,3	2.425,8	
2018/19	2.425,8	10.483,6	1.012,5	13.921,9	10.544,6	1.432,3	1.945,0	
2019/20	1.945,0	11.183,4	1.280,8	14.409,2	10.708,3	1.813,4	1.887,5	
2020/21	1.887,5	11.766,4	1.004,1	14.658,0	10.832,4	1.143,5	2.682,1	
2021/22	2.682,1	10.780,5	1.212,3	14.674,9	9.996,6	2.111,3	2.567,0	
2022/23	2.567,0	10.031,8	1.442,5	14.041,3	10.500,0	1.753,9	1.787,4	
2023/24	fev/24	1.787,4	10.791,0	1.450,0	14.028,4	10.500,0	1.500,0	2.028,4
	mar/24	1.787,4	10.550,9	1.450,0	13.788,3	10.500,0	1.500,0	1.788,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2024.

Estoque de passagem - Arroz: 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).



FEIJÃO

ÁREA

2.799,2 mil ha

+3,7%

PRODUTIVIDADE

1.081 kg/ha

-3,9%

PRODUÇÃO

3.026,4 mil t

-0,3%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Pelo seu apelo alimentar, mercadológico e agrônômico, a cultura tem grande relevância na agricultura nacional. Nesse último quesito, tem papel fundamental no planejamento de calendário agrícola, justamente por possuir um ciclo fenológico considerado adequado ao seu plantio em uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra.

Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio de feijão, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra, semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra, cultivado entre janeiro e abril, e o de terceira safra, semeado de maio a julho.

FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA 2023/24

TABELA 7 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA – 2023/24

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.061,2	1.212	1.286,4
2018/19	922,6	1.072	989,1
2019/20	914,5	1.209	1.105,6
2020/21	909,2	1.074	976,4
2021/22	909,3	1.036	941,8
2022/23	857,3	1.116	956,6
2023/24	fev./24	850,5	879,5
	mar./24	852,7	883,5

Fonte: Conab.

ANÁLISE ESTADUAL

FEIJÃO-COMUM CORES

Minas Gerais: a colheita alcançou quase 65% da área total até o fim de fevereiro. O clima mais chuvoso neste período tem atrapalhado as operações em algumas das regiões produtoras e isso também vem prejudicando a qualidade dos grãos.

No noroeste do estado, as lavouras semeadas entre o final de outubro e início de novembro sofreram muito com a restrição hídrica e as altas temperaturas, apresentando perdas no potencial produtivo dos grãos obtidos. Já as áreas que tiveram semeadura mais tardia, apresentam lavouras com melhor desenvolvimento e maior expectativa para a produção, embora haja registros de ataques mais proeminentes de mosca-branca sobre a cultura.

No norte de Minas foram registradas perdas e abandono de lavouras por agricultores familiares em virtude de limitações climáticas, especialmente pluviométrica, algo que também atrasou as operações de plantio, que só veio a ser concluído em janeiro de 2024, depois de uma melhoria nas condições pluviométricas. Essas lavouras semeadas tardiamente se desenvolvem bem,

visto que as chuvas permaneceram mais regulares. Já as lavouras plantadas no início da temporada chuvosa e que não foram perdidas, apresentam baixíssima produtividade.

Já no Sul de Minas, as lavouras se apresentam em condições melhores devido a um regime de chuvas melhor distribuído na região.

Bahia: a melhor distribuição e a maior regularidade das chuvas nas regiões produtoras do estado foram importantes para viabilizar a conclusão do plantio da cultura, bem como para aperfeiçoar as condições de desenvolvimento das lavouras, que passaram a apresentar boas condições edafoclimáticas e fitossanitárias, atreladas também ao controle de pragas e doenças relevantes, como a mosca-branca, o pulgão e as lagartas.



Foto 5 - Feijão cores 1ª safra - florescimento - Lapão-BA

Fonte: Conab.

Foto 6 - Feijão cores 1ª safra - florescimento - Morro do Chapéu-BA



Fonte: Conab.

Goiás: a colheita está praticamente encerrada no estado. Algumas lavouras remanescentes, principalmente na região leste, que sofreram com atraso no plantio, ainda estão em fases reprodutivas, mas devem ser colhidas neste mês.

A escassez de chuvas no início do ciclo e durante parte da fase reprodutiva prejudicou aquelas lavouras de semeadura mais precoce. Porém, como grande parte das lavouras foram cultivadas sob regime de pivô central, tais perdas estiveram mais associadas às altas temperaturas. Ainda assim, houve incremento na estimativa de produtividade média em comparação ao número divulgado no levantamento anterior.

Já no período de colheita, o excesso de umidade decorrente das chuvas mais abundantes em algumas regiões obrigaram produtores a realizar a secagem de grãos em armazéns. De maneira geral, a qualidade do produto foi inferior ao padrão esperado em alguns lotes obtidos.

Paraná: as lavouras estão praticamente colhidas no estado. Restam pequenos talhões que devem ser concluídos ainda em março. De maneira geral, as condições qualitativas e quantitativas variaram entre boas, regulares e ruins. As condições climáticas adversas, especialmente no início do ciclo, afetaram negativamente a produtividade da cultura, que, na média, ficará bem inferior ao rendimento médio alcançado em 2022/23.

Quanto à área plantada, confirmou-se redução em relação à safra anterior, com substituição de cultivo para graníferas como a soja.

Santa Catarina: a colheita avançou, principalmente no extremo oeste do estado, onde as condições foram mais favoráveis à maturação dos grãos e à realização da sega. No entanto, esse cenário não é unânime, tendo bastante variação nas demais regiões produtoras do estado.

De maneira geral, o desenvolvimento dos grãos também foi afetado por essa oscilação climática, uma vez que as lavouras semeadas mais precocemente foram impactadas pelo excesso de chuva, enquanto as lavouras com implantação mais tardia demonstram desempenho produtivo superior, refletindo também em melhor qualidade de grão. A produtividade média estimada é inferior àquela obtida no ano passado. Um aspecto relevante é a boa qualidade do produto colhido, caracterizado por grãos de tamanho superior e tegumento liso.

Rio Grande do Sul: a cultura, que teve 71% da sua área semeada em dezembro e 29% em janeiro apresenta bom desenvolvimento. Favorecida por um regime de chuvas melhores no Planalto Superior em relação às demais regiões do estado, as lavouras apresentam boas condições.

Os agricultores realizam os tratos culturais, especialmente o controle de plantas competidoras, com grande eficiência. O monitoramento da presença de pragas e doenças é realizado, e diante do bom pacote tecnológico empregado na cultura, aplicações preventivas e curativas foram realizadas. As plantas apresentam bom vigor, porte e sanidade. Assim, é mantida a expectativa de produtividade média para a cultura.

A área prevista da cultura foi confirmada. São 8 mil hectares cultivados. As primeiras áreas semeadas já alcançaram a fase reprodutiva. No momento da realização deste levantamento 27% da área já estava iniciando o enchimento de grãos, 64% em florescimento e apenas 9% da área ainda estava no desenvolvimento vegetativo.

Distrito Federal: as lavouras plantadas em dezembro estão em fase de granação, estimando bons níveis de produtividade média. Já as áreas semeadas antes de dezembro foram severamente atingidas pelas más condições de clima (falta de chuvas). Assim, a média de produtividade

deve ser inferior à safra passada, mesmo que tenha apresentado pequeno aumento em relação ao divulgado no levantamento anterior.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: colheita quase finalizada no estado, restando pequenas áreas que serão concluídas na primeira quinzena de março.

No geral, as estimativas de redução no rendimento médio em comparação à temporada anterior devem se confirmar, principalmente pelas perdas associadas às condições desfavoráveis à cultura registradas no início do ciclo. Chuvas intensas, falta de luminosidade e frio, justamente durante a germinação e o desenvolvimento inicial foram comuns em muitas regiões produtoras. Em alguns casos ocorreram replantios, assim como, também, foram afetados os tratos culturais, o que possibilitou aumento da incidência de doenças fúngicas e bacterianas. Já a partir de novembro/dezembro, o predomínio foi de um clima com poucas chuvas e temperaturas mais elevadas, algo que, por um lado melhorou a sanidade das lavouras, mas que não conseguiu recuperar todo o potencial produtivo da cultura, mesmo com a retomada das chuvas em janeiro de 2024.

Já a área plantada, embora tenha apresentado leve incremento em relação ao número divulgado no levantamento passado, teve perspectiva geral de diminuição em comparação ao total plantado em 2022/23, também por substituição de cultivo.

Santa Catarina: no Planalto Norte, as lavouras estão com a colheita finalizada. A qualidade dos grãos obtidos foi parcialmente comprometida pelo excesso de chuvas e doenças ao longo do desenvolvimento, resultando também em menor produtividade.

Já no Planalto Sul, que semeia tradicionalmente mais tarde em virtude do clima mais ameno na primavera, teve início a operação de colheita. Entretanto, a maior parte das lavouras se encontra entre formação de grãos e maturação.

No meio-oeste, a situação é muito semelhante. Parte das lavouras plantadas no início da janela de cultivo já foi colhida, visto que as lavouras remanescentes se dividem entre desenvolvimento vegetativo até maturação. As instabilidades climáticas ocorridas ao longo do ciclo trouxeram impactos negativos na produção. O excesso de chuva e incidência de doenças reduziram a produtividade e qualidade do produto.

Já no extremo-oeste, as condições climáticas proporcionaram ambiente favorável para a colheita. No entanto, a situação das lavouras colhidas revela grande diversidade. Aquelas semeadas precocemente foram impactadas pelo excesso de chuva durante o ciclo, resultando em produtividades abaixo do esperado. Porém, as lavouras com implantação mais tardia demonstram desempenho produtivo superior, refletindo também em melhor qualidade de grão.

No geral, a estimativa estadual para a produtividade média está menor que a da safra passada e também do divulgado no levantamento passado. Essas perdas são decorrentes das oscilações climáticas, principalmente nas lavouras de semeadura mais precoce, que enfrentaram intempéries do clima em estádios críticos para o rendimento da cultura.

Rio Grande do Sul: a semeadura da cultura foi finalizada, e se confirmou a estimativa inicial de 20,2 mil hectares plantados.

Até o final de fevereiro, cerca de três quartos dessa área total já estão colhidas, uma vez que as lavouras remanescentes em campo estão divididas entre os estádios de maturação até o desenvolvimento vegetativo.

As lavouras do Planalto Superior, que representam 25% da área cultivada e mais de um terço da produção, estão em sua maioria no período reprodutivo, restando apenas 9% em desenvolvimento vegetativo, representando 2% da área total cultivada no estado. As lavouras mais adiantadas apresentam bom porte, vigor e sanidade. Agricultores realizam o manejo das áreas de acordo com as orientações técnicas vigentes.

As áreas cultivadas nas demais regiões do estado, 75% da área total, estão nos estádios finais do ciclo. A colheita está muito próxima do fim. Os resultados obtidos variam, principalmente, de acordo com a época de semeadura, pacote tecnológico adotado e regime de chuvas e de radiação solar nos períodos críticos de determinação da produtividade da cultura.

As informações sobre a cultura apontam para uma mudança de perfil do produtor. Antes restrito aos pequenos agricultores, a tendência agora é de ficar mais restrito ao produtor tecnificados que cultiva a leguminosa sob pivô, com garantia de mercado comprador para escoar a produção logo após a colheita, evitando a desvalorização do produto armazenado na propriedade.

FEIJÃO-CAUPI

Piauí: cultura com semeadura finalizada, mesmo com certo atraso em relação à safra anterior, por conta de as chuvas terem vindo mais tarde neste ano. De maneira geral, as lavouras estão majoritariamente em fases de desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos. A cultura

apresenta boas condições de desenvolvimento, na sua maioria, porém com áreas que tiveram o desenvolvimento prejudicado por falta de umidade adequada, principalmente no sudeste do estado.

Bahia: com a conclusão das operações de plantio no último mês confirmou-se mais um reajuste (leve aumento) na estimativa de área plantada em comparação ao divulgado no último levantamento. O risco climático, atrelado ao cultivo de soja fora de uma janela ideal, fez com que muitos produtores optassem pela substituição do cultivo por feijão-caupi, que tem maior tolerância e rusticidade em um cenário de restrição hídrica.

Esse crescimento também influenciou as estimativas de produtividade média, já que muitas dessas áreas adicionadas são oriundas de produtores com alta tecnologia disponível.

Quanto às condições gerais visualizadas recentemente no campo, pode-se perceber que as chuvas ocorridas recentemente foram mais bem distribuídas e com volumes maiores, criando boas condições para as lavouras de sequeiro, com a recuperação das áreas submetidas ao quadro de estresse hídrico e pleno desenvolvimento das demais lavouras.

Há também registros de maior incidência de pragas como mosca-branca, lagartas e pulgões, mas que estão sendo controladas para evitar as perdas de potencial produtivo.

Maranhão: a colheita foi iniciada no último mês e segue de maneira incipiente, principalmente em áreas da região sul do estado.

A primeira safra de feijão-caupi é cultivada, principalmente, pela agricultura familiar, em sistemas que utilizam baixa tecnologia, em roça no toco, em consórcio com as culturas de arroz, milho e mandioca, o que resulta,

frequentemente, em baixos rendimentos. Normalmente, os pequenos produtores utilizam sementes de feijão-caupi doadas pelo governo do estado. No entanto, para a presente safra, não houve distribuição de sementes pelo governo estadual, causando redução das áreas de plantio.

Esses produtores estabelecem seus cultivos para consumo próprio e para comercialização do excedente, principalmente de feijão-verde em vagem ou debulhado, que é mais consumido e comercializado no estado.

Minas Gerais: a colheita avançou no último mês, mas teve certa limitação devido à incidência de chuvas. Essas precipitações não só reduziram a capacidade de operação na sega, como também diminuíram a qualidade dos grãos que estavam em maturação e tiveram dificuldade de alcançar o ponto de colheita ideal no aspecto da umidade do produto.

No geral, as lavouras mais precoces vêm apresentando resultados quantitativos inferiores ao potencial da cultura por conta das adversidades climáticas, principalmente calor e escassez de chuvas em fases críticas do ciclo. Já as áreas semeadas mais tardiamente vêm demonstrando melhores condições, com desenvolvimento mais satisfatório das lavouras, fazendo assim a média estimada para o rendimento do produto ficar próxima ao valor obtido em 2022/23.

Tocantins: a colheita nas áreas de várzea já estava finalizada, restando apenas à realização das operações nas lavouras de terras altas, que são semeadas mais tardiamente e que apresentam um pacote tecnológico mais baixo, desempenhado especialmente por agricultores familiares.

De maneira geral, as condições atuais são consideradas boas para essas lavouras remanescentes. As chuvas estão bem distribuídas e mais regulares, favorecendo o bom desenvolvimento das lavouras que atingiram a fase

reprodutiva.

Pernambuco: colheita finalizada, confirmando as estimativas de redução na produtividade média e na área plantada em relação à temporada passada. Adversidades climáticas, veranicos prolongados, principalmente no início do ciclo, aumento no custo de produção do feijão e a substituição de áreas por cultivo de mandioca foram algumas das causas que justificam essas variações nas estimativas.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2023/24								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
PA	Nordeste Paraense	0,79					PS	S/E/DV	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C
	Norte Piauiense	0,72				S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	
PI	Centro-Norte Piauiense	0,82				S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense	3,23				S/E/DV	E/DV/F	F/EG	M/C	C	
	Sudeste Piauiense	2,43				S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano	8,68			S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia	0,76			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	
	Centro Sul Baiano	2,03			S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
GO	Leste Goiano	5,43		S/E	S/DV/F	F/EG	EG/M/C	C			
	Sul Goiano	4,64		S/E	DV/F	EG/M	EG/M/C				
	Norte Goiano	2,28		S/E	E/DV	F/EG	F/EG/M	M/C			
DF	Distrito Federal	2,78		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C			

Continua

Legenda - Condição hídrica

	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2023/24								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
MG	Noroeste de Minas	7,23			S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C			
	Norte de Minas	1,36			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,24		S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,70		S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Oeste de Minas	0,84		S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Sul/Sudoeste de Minas	2,64		S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Campo das Vertentes	2,38		S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Zona da Mata	1,22		S/E	E/DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C			
SP	Assis	0,89		S/E	E/DV	F/EG/M	M/C				
	Itapetininga	1,29	S/E	E/DV	F/EG/M	EG/M/C	C				
	Macro Metropolitana Paulista	1,01		S/E	E/DV	F/EG/M	M/C				
	Norte Pioneiro Paranaense	1,26	S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense	4,09	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Oeste Paranaense	0,91	S/E	S/E/DV	F/EG	M/C	C				
	Sudoeste Paranaense	0,60	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
	Centro-Sul Paranaense	2,11	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C			
PR	Sudeste Paranaense	9,69	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Metropolitana de Curitiba	5,02	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Oeste Catarinense	2,04	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Norte Catarinense	1,67	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C		
	Serrana	1,97	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	M/C		
	Noroeste Rio-grandense	0,77	S/E	S/E/DV	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense	2,60			S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semearia; (S)=semearia; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (*) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

FEIJÃO SEGUNDA SAFRA 2023/24

TABELA 8 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA – 2023/24

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.532,7	793	1.216,0
2018/19	1.418,6	917	1.300,4
2019/20	1.423,0	875	1.244,7
2020/21	1.446,4	787	1.137,8
2021/22	1.419,1	945	1.341,1
2022/23	1.326,2	962	1.275,8
2023/24	fev./24	1.366,8	1.292,8
	mar./24	1.396,3	1.341,9

Fonte: Conab.

FEIJÃO-COMUM CORES

Paraná: depois de um início de ciclo com chuvas irregulares, as precipitações passaram a ocorrer de maneira mais homogênea e com volumes maiores, favorecendo assim a implantação das lavouras e o desenvolvimento da cultura como um todo.

As operações de plantio ainda estão em andamento, chegando a quase 80% da área prevista, até o fim de fevereiro, e a perspectiva para a atual safra é de redução na área plantada em comparação à temporada passada, principalmente por conta da perda de espaço que o feijão-comum cores tem apresentado em relação ao cultivo de feijão-comum preto, que tem maior valorização de mercado, além de maior resistência às condições adversas de campo.

Santa Catarina: o plantio avança de acordo com o ritmo de colheita das culturas antecessoras, como o milho e soja. As condições são boas, já que as lavouras recém-semeadas receberam bons volumes de chuva nos últimos

dias. Há uma previsão inicial de leve incremento na área plantada em comparação a 2022/23, principalmente pelo estrangulamento da janela ideal de plantio da soja de segunda safra, abrindo espaço para uma cultura de ciclo fenológico mais curto.

Até o momento, a cultura demonstra sanidade satisfatória, refletindo na presença de área foliar nas plantas. A maior parte das áreas semeadas apresentam bom estabelecimento, emergência e arranque inicial de plantas. Apesar do período de restrição hídrica e do tempo quente, o quadro é de normalidade.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: as condições climáticas foram bem mais favoráveis à cultura no último mês em comparação ao início do ciclo. As chuvas vieram de maneira mais regular, e as temperaturas médias caíram em relação ao registrado em janeiro. Assim, houve bom avanço no plantio, e as lavouras que estavam nas fases iniciais de desenvolvimento usufruíram de condições mais adequadas para sua evolução.

Embora o plantio ainda não tenha sido concluído, segue a perspectiva inicial de incremento na área total semeada, quando comparada a 2022/23, principalmente pelo preço mais atrativo e por uma maior resistência das cultivares de feijão-comum preto a estresses climáticos, em relação ao feijão-comum cores.

Santa Catarina: a semeadura já está concluída nas regiões do Planalto Norte e da Serra Catarinense. As condições de desenvolvimento das lavouras

nessas localidades são consideradas boas devido à estabilidade do clima, com chuvas e temperaturas próximas da média normal. Houve aumento da área plantada na safra atual em relação à temporada anterior, fato que pode ser explicado pela busca dos produtores em minimizar os prejuízos com os cultivos antecessores, principalmente os que foram semeados mais cedo e que sofreram revezes ao longo do ciclo. O fato de ser uma cultura de ciclo mais curto também favoreceu a opção pelo produtor, que, de olho nas cotações atuais do produto, viu a oportunidade de se capitalizar.

Na região oeste do estado, o plantio avançou de acordo com o ritmo de colheita das culturas antecessoras, como o milho e soja. É possível perceber um incremento na área plantada em comparação ao ano passado pela maior preferência do plantio de feijão em detrimento da soja “safrinha”, tendo em vista o melhor preço do feijão no estado e a queda do preço da soja, além da janela de plantio mais apertada e o favorecimento para a adequação de um cultivo de ciclo mais rápido, como o feijão. As condições das lavouras são boas, com a maior parte das áreas semeadas apresentando bom estabelecimento inicial da cultura.

A sanidade é considerada satisfatória, favorecendo desenvolvimento mais robusto de área foliar nas plantas. Apesar do período de restrição hídrica e do tempo quente, o quadro é de normalidade. O ponto a ser observado é que, com o aumento do plantio de feijão segunda safra, a semeadura se fez com a utilização de muitas sementes salvas, colhidas nas áreas de primeira safra, o que vem acarretando em significativa desuniformidade nas lavouras devido ao baixo vigor dessas.

Rio Grande do Sul: segue a semeadura do feijão-comum preto de segunda safra no estado, aproximando-se da conclusão, à medida que a colheita das culturas de verão vai se encerrando, principalmente do milho. A perspectiva

ainda é de incremento na área plantada em comparação à temporada anterior.

As lavouras implantadas mais precocemente já estão em fases reprodutivas, porém parte do desenvolvimento delas foi comprometido em decorrência do período de estiagem e de altas temperaturas registradas entre a segunda quinzena de janeiro e a primeira quinzena de fevereiro. No geral, foram observados sinais de estresse hídrico nas lavouras em desenvolvimento, falhas de estabelecimento da população de plantas em lavouras em emergência e paralisação da semeadura nas semanas que antecederam as chuvas.

Embora haja registros de perdas de potencial produtivo em algumas regiões, a média estimada para a produtividade similar ao mês passado e, por consequência, superior ao rendimento médio obtido em 2022/23. Apesar do período de restrição hídrica, o retorno das precipitações permitiu a retomada da realização da semeadura (ainda em época favorável para produtividades condizentes com o período de segunda safra) e dos tratos culturais, principalmente o controle de plantas invasoras.

Também pesa nesta estimativa o percentual de áreas irrigadas da cultura, cerca de 15% da área total, onde não houve prejuízo ao desenvolvimento das plantas por restrição hídrica.

QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

Legenda - Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2023/24						
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
TO	Ocidental do Tocantins	3,05			S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C
	Oriental do Tocantins	0,53			S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C
MA	Sul Maranhense	0,75			S/E	DV/F	EG/M	M/C	
	Noroeste Cearense	2,10		S/E	E/DV	F/EG	EG/M	M/C	
CE	Norte Cearense	1,29		S/E	E/DV	F/EG	EG/M	M/C	
	Sertões Cearenses	2,66		S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C	
RN	Jaguaribe	0,81		S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C	
	Sul Cearense	1,00		S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C	
PB	Oeste Potiguar	0,70		S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C	
	Sertão Paraibano	0,85		S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C	
PE	Agreste Paraibano	0,97		S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C	
	Sertão Pernambucano	1,57		S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C	
MT	Agreste Pernambucano	0,72		S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C	
	Norte Mato-grossense	7,04		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
MS	Nordeste Mato-grossense	0,73		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
	Sudeste Mato-grossense	1,31		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
MG	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,87			S/E	DV/F	F/EG	F/EG/M	M/C
	Leste Goiano	1,18		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	
SP	Sul Goiano	1,85		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	
	Norte de Minas	0,83		S/E	E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,02		S/E	E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
	Central Mineira	0,53		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
SP	Oeste de Minas	1,35		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
	Sul/Sudoeste de Minas	2,23		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
SP	Campo das Vertentes	2,27		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
	Zona da Mata	0,79		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	M/C	
SP	Bauru	0,68		S/E	S/E/DV	E/DV	F/EG	EG/M/C	
	Assis	0,56		S/E	S/E/DV	E/DV	F/EG	EG/M/C	
SP	Itapetininga	2,04		S/E	S/E/DV	E/DV	F/EG	EG/M/C	

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2023/24						
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PR	Centro Ocidental Paranaense	0,58	S/E	S/E/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C	
	Norte Pioneiro Paranaense	0,55	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro Oriental Paranaense	7,34	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	EG/M/C	C	
	Oeste Paranaense	1,45	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sudoeste Paranaense	13,91	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro-Sul Paranaense	10,04	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	6,24	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Metropolitana de Curitiba	1,37	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Catarinense	3,48	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
RS	Noroeste Rio-grandense	3,15	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

FEIJÃO TERCEIRA SAFRA 2023/24

TABELA 9 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO TERCEIRA SAFRA – 2023/24

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	577,8	1.062	613,8
2018/19	581,0	1.253	728,0
2019/20	588,8	1.481	872,1
2020/21	567,8	1.373	779,6
2021/22	530,6	1.333	707,2
2022/23	516,0	1.559	804,4
2023/24	fev./24	550,2	1.456
	mar./24	550,2	1.456

Fonte: Conab.

Previsão de plantio, para a safra 2023/24, apenas a partir de maio de 2024.

ANÁLISE DE OFERTA E DEMANDA

FEIJÃO-COMUM CORES

O mercado se encontra calmo, bem ofertado e com poucas negociações,

com exceção do produto extra novo que continua escasso. A maioria dos lotes disponíveis são de mercadorias notas 8,5 para baixo, de cor, visto que boa parte vem apresentando bastante quebra e excesso de manchas.

O aumento de produção verificado no Centro-Oeste e Sudeste refletiu negativamente na comercialização do produto. Os valores recebidos pelos produtores, nas regiões mencionadas, estão próximos aos registrados no Paraná, onde praticamente não há disponibilidade da mercadoria extra.

No momento, o volume produzido atende plenamente o mercado em razão, basicamente, da baixa demanda varejista. Provavelmente a oferta deverá continuar elevada, pressionando os preços para baixo, com boa parte dos compradores aguardando melhores momentos para a comercialização. O controle da oferta poderá provocar elevações de preços em determinados momentos, mas a produção proveniente da colheita da primeira safra está sendo suficiente para manter o mercado calmo, no entanto, sem provocar excedentes.

Ainda, há de se considerar a má qualidade do grão que vem sendo comercializado, deixando o comprador em posição de espera por melhores condições de compras – preço e qualidade.

Apesar do aumento da oferta nessas últimas semanas, cabe ressaltar que a concentração da colheita da safra da seca no Paraná ocorrerá somente a partir de meados de abril, e, até lá, o país passará por um período com poucas ofertas do grão.

Dessa forma, provavelmente o mercado continuará apresentando oscilações de preços ao longo deste mês, de acordo com as quantidades ofertadas, vez que grande parte dos compradores está sem estoques regulares.

Existe a expectativa, entre os produtores, que a partir de meados de março até a entrada da segunda safra paranaense os preços possam passar alguma valorização. No entanto, o atraso na colheita em Minas Gerais provavelmente atenderá a demanda no referido período, mantendo, na melhor das hipóteses, os atuais preços praticados no mercado.

FEIJÃO-COMUM PRETO

O mercado segue dentro do seu quadro de poucos negócios. A oferta vem sendo boa, porém a demanda dos compradores continua fraca, e o mercado vem sendo abastecido com a produção da safra nacional e produtos importados da Argentina.

A primeira safra está encerrada. No Paraná, disparado maior estado produtor, a semeadura atinge cerca de 90% da área estimada para o plantio. As lavouras atravessam as fases de desenvolvimento vegetativo e início de floração.

Para a temporada em curso, prevê-se o seguinte: computando as três safras, o trabalho de campo, realizado por técnicos da Conab em fevereiro, chega em um volume médio de produção estimado em 3,03 milhões de toneladas, 0,3% abaixo da anterior.

Em se tratando da balança comercial, de janeiro a dezembro de 2023, foram importadas 69 mil toneladas, isto é, 7,1 mil toneladas a menos que os números registrados no mesmo período de 2022. Já as exportações atingiram, no mesmo período, 139 mil toneladas, 2,9 mil toneladas acima das 136,1 mil toneladas registradas no ano anterior. Mato Grosso é o maior exportador de feijão, com 55% dos embarques realizados. A Índia comprou 41%, Egito, com 11%, e Vietnã, com 10%.

Neste cenário, partindo-se do estoque inicial de 325 mil toneladas, o consumo em 2,85 milhões de toneladas, as importações em 100 mil toneladas e as exportações de 150 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem na ordem de 451,4 mil toneladas, volume que deverá contribuir para a manutenção da normalidade do abastecimento interno.

TABELA 10 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2017/18	322,8	3.116,1	81,1	3.520,0	3.050,0	162,7	307,3
2018/19	307,3	3.017,7	150,8	3.475,8	3.050,0	166,1	259,7
2019/20	259,7	3.222,1	113,6	3.595,4	3.150,0	176,7	268,7
2020/21	268,7	2.893,8	83,1	3.245,6	2.893,8	223,7	128,1
2021/22	128,1	2.990,2	76,1	3.194,4	2.850,0	136,1	208,3
2022/23	208,3	3.036,7	69,0	3.314,0	2.850,0	139,0	325,0
2023/24	fev/24	324,9	2.973,1	100,0	3.398,0	2.850,0	398,0
	mar/24	325,0	3.026,4	100,0	3.451,4	2.850,0	451,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2024.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, [clique aqui](#).



MILHO

ÁREA

20.361,4 mil ha

-8,6%

PRODUTIVIDADE

5.538 kg/ha

-6,5%

PRODUÇÃO

112.752,7 mil t

-14,5%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab

MILHO PRIMEIRA SAFRA

TABELA 11 - MILHO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	5.082,1	5.275	26.810,7
2018/19	4.103,9	6.249	25.646,7
2019/20	4.235,8	6.065	25.689,6
2020/21	4.348,4	5.686	24.726,5
2021/22	4.549,2	5.501	25.026,0
2022/23	4.444,0	6.160	27.373,2
2023/24	Fev/24	3.931,9	23.607,0
	Mar/24	3.969,8	23.413,3

Fonte: Conab.

Com o plantio da primeira safra finalizado em todo o país, as atenções agora se voltam para os resultados das áreas colhidas e para o desenvolvimento das lavouras semeadas.

A Região Sul lidera os trabalhos de colheita, e o Rio Grande do Sul colheu 68% da área destinada ao cereal. O excesso de precipitações, baixas temperaturas e pouca luminosidade durante a implantação do cereal, na

região, aliados às restrições hídricas em fases reprodutivas, comprometeram o potencial produtivo do milho nos três estados. Além dos fatores climáticos desfavoráveis, a alta incidência de cigarrinha e doenças, também contribuíram para produtividades abaixo das estimadas inicialmente.

Em Minas Gerais, São Paulo, Goiás e Bahia, a irregularidade das precipitações foi a principal causa para a redução das produtividades estimadas inicialmente.

Todavia no Maranhão, Piauí e Pará, o cultivo ocorreu mais tarde devido à demora na regularização das precipitações e as lavouras, até o momento, apresentam um bom desenvolvimento, em virtude das chuvas regulares.

Para a safra 2023/24, a área cultivada está estimada em 3.969,8 mil hectares, 10,7% inferior ao registrado na safra passada. A produção esperada é de 23.413,3 mil toneladas, 14,5% inferior ao obtido no último ciclo de cultivo.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: fevereiro marcou o término do plantio no estado. A área cultivada alcançou 831,5 mil hectares, com 118,5 mil hectares irrigados. A colheita evoluiu significativamente e alcançou 68% da área.

Com exceção das áreas de safrinha, a colheita está encerrada nas Missões e Alto Uruguai, onde foram observados os piores resultados da cultura. No Planalto Médio, a operação teve boa evolução nas últimas semanas e se aproxima do final, com resultados ligeiramente melhores. No Planalto Superior, onde a semeadura é realizada mais tarde, a operação iniciou, mas ainda de forma muito lenta.

Nas demais regiões o cultivo ocorre de maneira escalonada, sem apresentar

um padrão de comportamento, assim, as condições das lavouras são diversas. As áreas de safrinha estão, em sua maioria, entre o final do desenvolvimento vegetativo e início de enchimento de grãos. Nestas áreas observou-se plantas com sintomas de estresse hídrico em razão da estiagem, que ocorreu entre 16 de janeiro e 12 de fevereiro, em praticamente todas as regiões do estado. Era esperado que estas áreas pudessem ter produtividades satisfatórias para áreas cultivadas na safrinha, mantendo a média estadual no patamar previsto inicialmente, mas as lavouras apresentam condições aquém das esperadas.

As diversas perdas acumuladas ao longo de todo o ciclo no estado foram impactando o potencial produtivo das lavouras, e no período de realização deste levantamento alcançaram índices que resultaram em uma redução da expectativa de produtividade projetada inicialmente pela companhia, hoje se encontra em 6.297 kg/ha.

Paraná: o clima afetou negativamente a cultura, durante a germinação e desenvolvimento inicial da cultura devido ao excesso hídrico, baixa luminosidade e às baixas temperaturas. Além disso, em dezembro e parte do mês de janeiro as condições climáticas foram mais secas e demasiadamente quentes, provocando uma piora nas condições das lavouras, e conseqüentemente afetando a sua produtividade, agora estimada em 8.867 kg/ha.

A ocorrência de doenças, como *Fusarium moniliforme*, *Diplodia maydis* e bacterioses, também contribuíram para a redução da produtividade. A cultura já tem 73% da sua área colhida, e o restante das lavouras estão entre enchimento de grãos e maturação.

Santa Catarina: no Planalto Norte e Serra Catarinense, a colheita avança

conforme as condições climáticas permitem e, nos últimos dias, as chuvas retardaram o seu ritmo. Até o momento, a produtividade das primeiras lavouras colhidas mostra uma tendência de redução em relação à última safra, embora boa parte da área ainda se encontre na fase de enchimento de grãos e maturação.

No Meio-Oeste também houve diminuição no ritmo da colheita em virtude das chuvas, que voltaram a ocorrer em praticamente todos os municípios, após alguns dias de estiagem. Esta falta de precipitações perdurou por quase duas semanas, o que fez com que algumas lavouras sentissem a falta de umidade, resultando em murchamento foliar. Já no extremo-este, a colheita avançou, favorecida pela ausência de chuvas e pelas temperaturas elevadas, que reduziram a umidade do grão para finalização do ciclo.

Minas Gerais: as lavouras de milho verão apresentaram grande dispersão relativa à época de semeadura e condições climáticas registradas. Nas principais regiões produtoras, Noroeste e Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, as áreas semeadas, até o final de outubro, foram as mais afetadas pela irregularidade das precipitações, visto que no Noroeste foi observado desde a destinação de áreas com baixo potencial para silagem até o abandono de lavouras. Entretanto, as áreas semeadas tardiamente apresentam excelente potencial, assim como as áreas do sul do estado.

As primeiras áreas foram colhidas em fevereiro, atingindo 11% da área estimada. Com o início da colheita e com mais da metade das lavouras em maturação, é possível mensurar uma produtividade tangível para a cultura, que foi novamente reduzida neste levantamento e que está estimada em 5.684 kg/ha.

São Paulo: a falta de chuva durante o período vegetativo e altas

temperaturas foram altamente prejudiciais para o milho que foi plantado durante setembro e a primeira quinzena de outubro. As lavouras semeadas antecipadamente foram afetadas por um longo período de estresse hídrico, além de intenso ataque de cigarrinha, o que impactou negativamente no potencial produtivo resultou em nova redução na produtividade estimada.

Goiás: as lavouras, em sua maioria, estão na fase final do ciclo, em final de enchimento de grãos e maturação. As lavouras apresentam grandes variações de produtividade em virtude dos fatores climáticos associados com a época de plantio. Devido ao estresse hídrico ocorrido nos meses de outubro e novembro, as lavouras que foram semeadas mais cedo apresentaram problemas de polinização (sincronização) e falhas na formação de grãos. Entretanto, as semeadas a partir de novembro apresentam melhores condições de formação e enchimento de grãos.

As áreas de milho no leste do estado estão variando entre estágio de floração e início de maturação. Todas as lavouras se encontram em boa situação fitossanitária. A incidência de cigarrinha, em algumas lavouras, tem aumentado, porém o controle vem sendo eficiente e não deve influenciar na redução de produtividade. Estima-se que a colheita deve iniciar em abril.

No Oeste, as lavouras estão em fase de enchimento de grãos, e, apesar de parte delas terem sido afetadas por estresse hídrico nas fases iniciais, o seu desenvolvimento foi recuperado com a melhoria das condições climáticas.

No Sul do estado, a maioria das lavouras estão iniciando o estágio reprodutivo, e apresentam boas condições de desenvolvimento, não percebendo sinais de ataques severos de pragas ou doenças.

Mato Grosso: a regularização das chuvas, desde o final de dezembro, tem

beneficiado o desenvolvimento integral do milho do primeiro ciclo. A colheita, ainda na fase inicial, atingiu 13,8% do espaço destinado ao cultivo. A produtividade oscila em média de 8.200 kg/ha, com grãos bem formados e dentro do padrão de tolerância. As primeiras áreas colhidas tiveram uma sensível redução no rendimento em relação à temporada anterior, resultado do estresse hídrico no início da safra.

Mato Grosso do Sul: a irregularidade na distribuição e no volume das chuvas na primeira quinzena de fevereiro prejudicaram as lavouras na região do município de São Gabriel do Oeste e Corumbá, resultando em redução na estimativa de produtividade. Os últimos tratamentos culturais foram realizados no decorrer do mês, com destaque para o controle de cigarrinhas e lagartas, bem como a aplicação final de fungicida protetor.

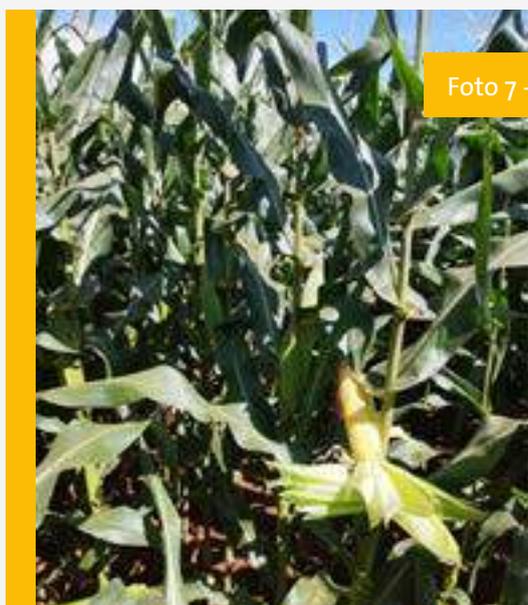


Foto 7 - Milho 1ª safra Enchimento de grãos - Chapadão do Sul-MS

Fonte: Conab.

Distrito Federal: as lavouras de primeira safra se encontram em estágio de maturação, apresentando boa sanidade, e a colheita deverá iniciar em meados de março.

O plantio atrasou por falta de condições adequadas de umidade no solo devido à demora na regularização das chuvas, porém houve uma recuperação da cultura com o retorno das precipitações.

Bahia: as chuvas ocorridas durante fevereiro foram acima da média para o período e favoreceram o desenvolvimento das lavouras em todas as regiões produtoras. O quadro geral do cultivo apresenta variação na qualidade e estágio vegetativo, dependendo da região produtora. No extremo-oeste, parte das lavouras foram prejudicadas por ataques de cigarrinha, mas há também plantios de ótima qualidade. Já no centro-norte do estado, as áreas estão com boa expectativa de produção devido ao bom desenvolvimento das plantas e baixo índice de pragas. No centro-sul, as lavouras estão com desenvolvimento razoável, todavia, com baixa expectativa de produção devido à redução das precipitações.



Foto 8 - Milho 1ª safra desenvolvimento vegetativo - Canarana-BA

Fonte: Conab.

Piauí: o cultivo do milho de verão no estado se apresenta tanto na agricultura familiar quanto empresarial. Em virtude da climatologia favorável, do manejo adequado e tecnologia empregada na região onde se concentra as áreas da agricultura empresarial, no sudoeste, a produtividade deve manter-se elevada. Na safra 2023/24 houve uma redução significativa da área de milho na agricultura empresarial, em virtude do quadro negativo observado na comercialização do cereal na safra 2022/23, assim, boa parte da área de milho migrou para soja e para algodão, culturas que no cenário atual continuam remunerando melhor o produtor.

O plantio foi finalizado na agricultura empresarial no sudoeste piauiense, cerrado, confirmando as estimativas iniciais de redução de área. As lavouras seguem se estabelecendo em boas condições, na sua maioria, pois os produtores esperaram a regularização das chuvas para efetuarem o plantio. Os cultivos atualmente se encontram nos estádios de desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos. Considerando-se as condições climáticas atuais, a cultura deve apresentar produtividade similar à alcançada na safra anterior.

Maranhão: a primeira safra de milho teve o plantio iniciado desde novembro de 2023 e foi finalizado nos últimos dias de fevereiro, com a ocorrência das chuvas volumosas e bem distribuídas. As últimas áreas foram semeadas, com o término do plantio da soja, especialmente, nas regiões leste e oeste do estado. As lavouras se encontram em emergência, desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos.

No sul maranhense, as áreas de cultivo da primeira safra de milho foram reduzidas, para priorizar o cultivo da soja, principalmente, onde existe janela para implantação da segunda safra de milho.

Nas regiões oeste e centro do estado, as lavouras foram semeadas entre dezembro de 2023 e fevereiro de 2024, e apresentaram redução de área em razão da falta de chuvas, que ocorreu até janeiro de 2024. No município de Bom Jardim, no oeste maranhense, alguns produtores priorizaram o plantio da soja e desistiram de finalizar o plantio de toda a área de milho. No município de Santa Luzia, devido à dificuldade de plantio de segunda safra, algumas grandes áreas de cultivo realizam rotação de cultura de milho em áreas de soja, alternando safras.

Nas regiões do Médio Mearim, no centro maranhense, na maior parte do leste maranhense (nordeste), e no norte maranhense, devido ao atraso do início das chuvas, a maior parte das lavouras de milho foi semeada em janeiro e fevereiro de 2024, com bastante atraso em relação ao ano anterior.

Para a safra 2023/24, a área de plantio da primeira safra de milho prevista é de 280,2 mil hectares, com redução na ordem de 8,1%, em comparação à safra anterior

Pará: o milho primeira safra é desenvolvido em dezenas de municípios do estado. O que difere do milho safrinha é que ele é cultivado principalmente por pequenos e médios produtores e agricultores familiares. Observa-se que, estão ocorrendo plantios menores que o da safra passada devido às instabilidades de clima, com veranicos e, agora, com chuva em excesso.

As lavouras se encontram semeadas e se desenvolvendo em condições boas, pois as chuvas retornaram em bom volume em quase todas as regiões. A maior parte delas está nos estádios de desenvolvimento vegetativo e floração. Quanto à área plantada, o milho permanece com recuo de 8,4% em sua área em relação à safra 2022/23, principalmente pelo desânimo dos produtores com os atuais preços.

Tocantins: as chuvas bem distribuídas favoreceram as lavouras que iniciaram a fase reprodutiva, enchimento de grãos e maturação, com um acumulado nos últimos quinze dias, de 120 mm a 200 mm. No oeste do estado algumas áreas semeadas em outubro já foram colhidas nas várzeas em Lagoa da Confusão, região tradicional no cultivo de arroz. Outras regiões estenderam a semeadura durante janeiro, com o retorno regular das chuvas.

Acre: durante o plantio de primeira safra, que representa a maior área no estado, ocorreram situações adversas devido ao fenômeno El Niño, prejudicando a sua implantação e o seu desenvolvimento inicial. A partir de dezembro houve uma melhoria na regularidade das precipitações, favorecendo o plantio e o desenvolvimento da cultura.

Rondônia: as altas temperaturas enfrentadas e a estiagem prolongada desencorajaram a implantação das lavouras do milho no início do ano-safra, principalmente na parte centro-norte do estado. Na região mais ao sul, as áreas semeadas puderam contar com precipitações mais frequentes, ainda que sem regularidade. Somente após as chuvas se estabilizarem em dezembro é que foram observadas as habituais lavouras da primeira safra nas demais regiões. As áreas destinadas ao cultivo se encontram desde os estádios de desenvolvimento vegetativo até início de maturação, e apresentam bom desenvolvimento.

QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO PRIMEIRA SAFRA

Legenda - Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2023/2024											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense	1,28					S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	
TO	Ocidental do Tocantins	0,87				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
	Oriental do Tocantins	0,84				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
MA	Oeste Maranhense	1,29					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Centro Maranhense	0,49					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Leste Maranhense	0,49					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sul Maranhense	3,68				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PI	Sudoeste Piauiense	7,57				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano	5,89				S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	M/C	M/C	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense	0,91				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
	Centro Goiano	0,82					S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C		
GO	Leste Goiano	1,70				S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
	Sul Goiano	3,13				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
DF	Distrito Federal	0,48				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas	4,27			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
	Norte de Minas	0,74			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	8,02			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C	C		
	Oeste de Minas	1,72			S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG/M	EG/M	M/C	C	C		
	Sul/Sudoeste de Minas	4,27			S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG/M	EG/M	M/C	C	C		
	Campo das Vertentes	2,27			S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG/M	EG/M	M/C	C	C		
	Zona da Mata	0,60			S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG/M	EG/M	M/C	C	C		
	São José do Rio Preto	0,82			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
SP	Ribeirão Preto	0,79			S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Bauru	1,17			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Campinas	1,77			S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Itapetininga	2,14			S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista	0,79			S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
PR	Norte Pioneiro Paranaense	0,58	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C			
	Centro Oriental Paranaense	2,62	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C			
	Sudoeste Paranaense	0,66	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C			
	Centro-Sul Paranaense	3,22	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C			
	Sudeste Paranaense	1,74	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C			
	Metropolitana de Curitiba	2,03	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C			

Continua

Legenda - Condição hídrica														
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas											
	Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas											
	Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas											

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2023/2024											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
SC	Oeste Catarinense	4,50		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Norte Catarinense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Serrana	1,53		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Vale do Itajaí	0,82		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sul Catarinense	0,67		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
RS	Noroeste Rio-grandense	6,85	S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Nordeste Rio-grandense	1,63		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,46	S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Centro Oriental Rio-grandense	1,07		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	C		
	Metropolitana de Porto Alegre	0,73		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudoeste Rio-grandense	0,81		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Sudeste Rio-grandense	0,83		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA

TABELA 12 - MILHO SEGUNDA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	12.878,0	5.682	73.177,7
2019/20	13.755,9	5.456	75.053,2
2020/21	14.999,6	4.050	60.741,6
2021/22	16.369,3	5.247	85.892,4
2022/23	17.192,7	5.954	102.365,1
2023/24	Fev/24	15.879,8	88.098,5
	Mar/24	15.759,1	87.348,6

Fonte: Conab.

A semeadura da segunda safra de milho já foi realizada em 86,2% da área prevista para o cultivo e continua bem adiantada em relação à última safra, quando 63,6% da área havia sido plantada.

Mato Grosso, maior produtor nacional, lidera os trabalhos de implantação do cereal, com 92,9%. Essa antecipação no cultivo decorreu, principalmente, pela antecipação do ciclo da soja causado pelos extremos climáticos ocorridos devido à influência do fenômeno El Niño. Paraná e Mato Grosso do Sul também tiveram essa mesma influência, porém neste último, a redução nas precipitações em fevereiro provocou interrupções no plantio em algumas regiões.

Nas demais regiões produtoras, o ritmo do plantio da segunda safra de milho acompanha o ritmo da colheita da soja.

Para a safra 2023/24, a área cultivada está estimada em 15.759,1 mil hectares, 8,3% inferior ao registrado na última safra,. A produção esperada é de 87.348,6 mil toneladas, 14,7% inferior ao obtido no último ciclo de cultivo.

A redução na área cultivada poderá ser revisada, pois a depender das previsões meteorológicas, muitos produtores podem arriscar a plantar fora da janela ideal de plantio, que se aproxima da finalização na maioria dos estados produtores.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: a condição climática favorável, com chuvas em volume adequado e boa incidência solar, tem contribuído para um bom estabelecimento da cultura. Este cenário climático contribui para o bom vigor vegetativo e à sanidade das lavouras. A semeadura do milho manteve boa cadência ao longo de fevereiro, alcançando 92,9% da área destinada à cultura, indicativo que boa parte dos roçados foram implantados dentro da janela recomendada de plantio. Dessa maneira, aponta que o atual ciclo está ligeiramente adiantado em relação às últimas safras. As lavouras



Fonte: Conab.

Foto 10 - Milho 2ª safra desenvolvimento vegetativo -
Alto do Garças-MT



Fonte: Conab.

estão se beneficiando das condições climáticas favoráveis, mantendo bom vigor evolutivo. Graças ao controle efetivo dos produtores não há ocorrência relevante de pragas e doenças. Os milharais se encontram, predominantemente, no estágio de desenvolvimento vegetativo.

Paraná: desde a última quinzena de dezembro de 2023, até a terceira semana de janeiro, ocorreram restrições de chuva na maior parte do estado, inclusive com a prevalência de temperaturas muito altas. As precipitações que ocorreram ao longo de janeiro foram irregulares, tanto no espaço

e no tempo. Porém, na terceira semana deste mês, ocorreram maiores precipitações na maior parte das regiões produtoras, que, aliadas às chuvas mais regulares de fevereiro, permitiram o progresso do plantio em algumas regiões críticas e favoreceu o desenvolvimento das lavouras.

A cultura apresenta uma redução de 2,6% da área cultivada em relação à safra passada, devido, principalmente, às baixas cotações do cereal, aliadas aos altos custos de produção, desestimulando o produtor. O plantio avançou em 82% da área, com a quase totalidade das lavouras apresentando boas condições.

Mato Grosso do Sul: a instabilidade climática do período, com muita variabilidade na distribuição e volumes das chuvas registradas, principalmente na primeira quinzena de fevereiro, gerou atraso na semeadura em relação à área de soja colhida. Apesar de ter ocorrido em todo o estado, essa instabilidade foi mais evidente no centro-sul de Mato Grosso do Sul e nas regiões leste e sudoeste. Atualmente houve melhora das condições de umidade no solo, com casos isolados de lavouras de milho sob estresse hídrico.

Com um alto custo de produção e perspectiva de rentabilidade baixa, os produtores não estão arriscando semeadura no “pó” ou em áreas com baixa disponibilidade hídrica no solo. Além disso, o encurtamento da janela de semeadura devido ao atraso no plantio gerou estimativa de contração da área estadual inicialmente projetada. De modo geral, os cultivos implantados estão apresentando bons estandes e desenvolvimento inicial adequados, mas verifica-se tendência de redução dos investimentos, principalmente em adubação de cobertura e fungicidas protetores, o que poderá refletir em produtividades menores. Atualmente, constata-se a ocorrência de cigarrinha, disseminada pelo estado e mais pontualmente de percevejos, que



Foto 11 - Milho 2ª safra Emergência - Amambai-MS

Fonte: Conab.

migraram das áreas de soja, mas os produtores estão realizando o manejo adequadamente, não gerando danos produtivos relevantes. Lavouras mais velhas e tecnificadas começarão a receber adubação de cobertura e a primeira pulverização de fungicidas nos próximos dias.

Goiás: aproximadamente 95% das áreas foram semeadas. A redução de área é apontada em diversos municípios do estado, com a substituição do plantio do milho safrinha pelo sorgo. Mesmo assim, produtores, em menor parte, vão arriscar o plantio fora da janela ideal.

No sudoeste do estado, as áreas de milho se encontram em finalização de plantio. A antecipação do ciclo da soja, em muitas localidades, contribuiu também para a antecipação do plantio do milho segunda safra.



Foto 12 - Milho 2ª safra desenvolvimento vegetativo - Mineiros-GO

Fonte: Conab.

A previsão de redução nas áreas de milho segunda safra em relação à safra anterior permanece, porém, com o avanço das operações de plantio, observa-se que esta redução deve ser menor, pois muitos produtores têm optado pelo plantio do milho de última hora, ao terminarem a colheita da soja.

Em alguns municípios verifica-se alta incidência de cigarrinha, onde algumas áreas com milho em início de desenvolvimento vegetativo já receberam até 3 aplicações de inseticidas. Apesar disso, o controle do inseto tem se mostrado efetivo, e as lavouras são reportadas como em boas condições de desenvolvimento, favorecidas principalmente pela boa umidade do solo.

Na região sul, a semeadura acontece em ritmo intenso, na esteira da colheita da soja. Com exceção de alguns produtores, que estão semeando sorgo, em todos os municípios os produtores estão semeando milho. Existe disposição do produtor para adentrar março com a semeadura, a depender da continuidade do regime atual de chuvas e temperatura.

No leste do estado, o plantio do milho segue avançando de forma mais

lenta, devido ao atraso na colheita das culturas do feijão e soja. O índice de plantio, até o fim fevereiro, era de 70%. Há uma provável redução de plantio devido ao encurtamento da janela, irregularidade das chuvas, preços pouco atrativos e alta pressão de cigarrinha. Algumas áreas que seriam destinadas ao milho segunda safra podem migrar para o sorgo ou mesmo ficar em pousio.

Minas Gerais: a semeadura do milho safrinha iniciou timidamente no final de janeiro, ganhando um pouco mais de tração a partir da segunda semana de fevereiro. Até o presente momento, as chuvas beneficiam as operações e a implantação da cultura, com exceção da região noroeste, onde temos a maior área a ser semeada, e os volumes de chuva têm sido mais expressivos, prejudicando os trabalhos de campo. De maneira geral, as condições hídricas do solo são excelentes para esta fase inicial. Registramos que aproximadamente 50,8% da área estimada já está semeada. Destacamos que na última safra tivemos uma menor pressão da cigarrinha em comparação com anos anteriores. No entanto, este ano a praga já exerce grande pressão novamente. Devemos considerar que em razão das baixas cotações do cereal, o milho que será semeado fora da janela ideal de plantio terá reduções consideráveis no pacote tecnológico.

São Paulo: o plantio foi iniciado no estado, e seu ritmo é ditado pelo avanço da colheita da soja.

Ceará: as chuvas em fevereiro ocorreram de forma tardia, ocorrendo somente após ao décimo dia do mês. Com isso, diversos produtores ainda estão aguardando a regularização das precipitações para iniciarem o plantio, que ainda está em seu início e deve acelerar a partir de março.

Maranhão: o plantio da segunda safra, cujo cultivo ocorre principalmente

na região sul maranhense, foi iniciado aos poucos no final de janeiro de 2024, após a colheita da soja, alcançando 28% da área prevista neste levantamento.

As lavouras apresentam-se nos estádios fenológicos de emergência e desenvolvimento vegetativo. Essa operação deve se intensificar com colheita da soja.

No estado, a área total estimada da segunda safra de milho ficou em 273,8 mil hectares, uma redução de 10% em relação à safra anterior, em razão, principalmente, pelo atraso da semeadura da soja.

Piauí: as condições climáticas historicamente não se mostram favoráveis ao cultivo de segunda safra no Piauí, porém, nos últimos anos, as áreas com esta safra vêm aumentando consideravelmente. Nesta safra, embora as previsões iniciais apontassem para um quadro adverso para o cultivo de segunda safra, devido às irregularidades das chuvas, as condições climáticas atuais apresentam-se favoráveis.

A semeadura iniciou-se em áreas do município de Baixa Grande do Ribeiro, em fazendas que realizaram o plantio da soja no final de outubro e historicamente cultivam áreas consideráveis de segunda safra.

Rondônia: as altas temperaturas e a estiagem prolongada no início do ano safra, principalmente na parte centro/norte do estado, contribuíram para o retardo na implantação das lavouras da primeira safra, com isso, a janela de plantio do milho safrinha foi prejudicada na maior parte do estado. Na região mais ao sul, a dinâmica das áreas implantadas seguiu dentro da normalidade.

Boa parte das áreas destinadas ao cultivo do milho safrinha ainda não

foram semeadas. No entanto, observamos em campo lavouras plantadas mais cedo, em pleno desenvolvimento vegetativo e em estágios iniciais do desenvolvimento reprodutivo.

Pará: o milho segunda safra está com 28% de sua área plantada no estado, visto que no polo Redenção, onde se localizam grandes municípios produtores, o índice já alcança 70% da área. As lavouras estão em ótimo estado, beneficiadas pelas chuvas frequentes e em bons volumes.

A área de milho segunda safra está sendo impactada negativamente pelo atraso no plantio de muitas áreas de soja e pelas baixas cotações do cereal.

Tocantins: as chuvas estão bem distribuídas no estado, e o clima vem ajudando nas operações de plantio. As lavouras estão em boas condições de desenvolvimento, e o bom armazenamento hídrico do solo permite uma germinação segura das áreas recém-semeadas.

QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO SEGUNDA SAFRA

Legenda - Condição hídrica			
	Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva
		 Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	 Média Restrição - Excesso de Chuva
		 Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	 Alta Restrição - Excesso de Chuva
			 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2023/2024								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Madeira-Guaporé	0,28		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
	Leste Rondoniense	1,40		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
PA	Baixo Amazonas	0,44		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	M/C	C	
	Sudeste Paraense	0,36		S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	M/C	C	
TO	Ocidental do Tocantins	0,86	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	M/C	C	
	Oriental do Tocantins	0,97	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	M/C	C	
MA	Sul Maranhense - MA	0,98	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	

Continua

Legenda – Condição hídrica

Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2023/2024								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
PI	Sudoeste Piauiense	0,75		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
CE	Sertões Cearenses	0,25		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C	
	Norte Mato-grossense	32,46	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	6,02	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MT	Sudoeste Mato-grossense	0,74	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense	0,56	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense	5,66	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	3,09	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	M/C	C	C
MS	Leste de Mato Grosso do Sul	1,02	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	M/C	C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	10,92	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Norte Goiano	0,30	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
GO	Centro Goiano	0,36	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,18	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	9,19	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas	0,76		S	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,39		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Bauru	0,28		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
SP	Assis	1,14		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Itapetininga	0,86		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Noroeste Paranaense	0,90		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Centro Ocidental Paranaense	2,57	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Norte Central Paranaense	3,42		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
PR	Norte Pioneiro Paranaense	1,62		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Oeste Paranaense	5,22	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Paranaense	0,81	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	0,29	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2022)/Conab.

MILHO TERCEIRA SAFRA

TABELA 13 - MILHO TERCEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	511,0	2.385	1.218,7
2019/20	535,6	3.305	1.843,6
2020/21	595,6	2.734	1.628,5
2021/22	662,1	3.341	2.211,9
2022/23	632,5	3.406	2.154,4
2023/24	Fev/24	632,5	1.990,9
	Mar/24	632,5	1.990,9

Fonte: Conab.

Previsão de plantio, para a safra 2023/24, apenas a partir de abril de 2024.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2023/24, a Conab prevê uma produção total de 112,8 milhões de toneladas de milho, um decréscimo esperado de 14,5%, comparada à safra anterior. Essa redução na produção total é resultado do encolhimento da área de milho, com destaque para a queda na segunda safra, em conjunto com uma menor produtividade projetada em campo. Cabe destacar que a Conab projeta um decréscimo de 8,6% na área plantada e de 6,5% da produtividade do setor.

Em relação aos dados da demanda doméstica, a companhia acredita que 84,1 milhões de toneladas de milho, da safra 2023/24, deverão ser consumidos internamente ao longo de 2024, ou seja, um aumento de 5,6%, comparativamente à safra anterior.

Sobre a balança comercial, a Conab projeta uma expansão do volume de importação total para a safra 2023/24, projetada em 2,5 milhões de

toneladas do grão, em razão da perspectiva da menor produção nacional. Para as exportações, com a esperada menor oferta nacional, a Conab estima que 32 milhões de toneladas sairão do país via portos, sendo este volume 41,4% inferior ao estimado para a safra 2022/23. Nesta conjuntura, acredita-se que a redução da produção brasileira, somada à maior oferta disponível no mercado internacional (em meio às boas safras norte-americana e argentina), deverá reduzir o volume de exportações brasileiras do grão em 2024. Com isso, o estoque de milho em fevereiro de 2025, ou seja, ao fim do ano-safra 2023/24, deverá ser de 6,3 milhões de toneladas, sendo este montante 11,4% inferior ao da safra 2022/23.

TABELA 14 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - MILHO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2017/18	15.739,4	80.709,5	900,7	97.349,6	59.048,4	23.742,2	14.558,9
2018/19	14.558,9	100.042,7	1.596,4	116.198,0	61.937,4	41.074,0	13.186,6
2019/20	13.186,6	102.586,4	1.453,4	117.226,4	67.021,4	34.892,9	15.312,1
2020/21	15.312,1	87.096,8	3.090,7	105.499,6	71.168,6	20.815,7	13.515,3
2021/22	13.515,3	113.130,4	2.615,1	129.260,8	74.534,6	46.630,3	8.095,9
2022/23	8.095,9	131.892,6	1.313,2	141.301,7	79.598,9	54.634,4	7.068,4
2023/24	fev/24	6.389,6	113.696,2	2.500,0	122.585,8	84.117,8	6.468,0
	mar/24	7.068,4	112.752,7	2.500,0	122.321,1	84.066,7	6.254,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2024.

Estoque de passagem 31 de janeiro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA

45.177,9 mil ha

+2,5%

PRODUTIVIDADE

3.251 kg/ha

- 7,3%

PRODUÇÃO

146.858,5 mil t

-5,0%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 15 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - SOJA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)	
2017/18	35.149,2	3.507	123.258,9	
2018/19	35.874,0	3.337	119.718,1	
2019/20	36.949,7	3.379	124.844,8	
2020/21	39.531,2	3.526	139.385,3	
2021/22	41.492,0	3.026	125.549,8	
2022/23	44.079,8	3.507	154.609,5	
2023/24	Fev/24	45.088,6	3.314	149.403,7
	Mar/24	45.177,9	3.251	146.858,5

Fonte: Conab.

O plantio da safra de verão de soja se encontra finalizado em todas as regiões produtoras. Houve ajuste da área semeada especialmente pela identificação de novas áreas de cultivo no Maranhão e em Rondônia, resultando numa área total cultivada na safra 2023/24 de 45.177,9 mil hectares, 2,5% superior ao semeado na safra passada.

A colheita avança em todo o país, principalmente na região Centro-Oeste, e no início de março alcançou 55,8% da área estimada. Mato Grosso é o estado

mais adiantado, com 89,3% da área já colhida, seguido por Mato Grosso do Sul, Goiás e Paraná.

Após um início desanimador, com rendimentos bem abaixo do esperado em grandes regiões produtoras devido às condições climáticas desfavoráveis no início do ciclo, as produtividades obtidas nas lavouras semeadas a partir de novembro melhoraram o ânimo dos produtores, mesmo não conseguindo reverter as perdas já consolidadas. Ocorreram ajustes de produtividades, porém em menor intensidade do que em levantamentos anteriores.

Em estados semeados mais tardiamente, como Maranhão, Piauí e Pará, as precipitações têm favorecido o desenvolvimento das lavouras. No Rio Grande do Sul, após um período de falta de chuvas entre final de janeiro e início de fevereiro, as lavouras apresentam bom desenvolvimento, porém, o aumento da incidência da ferrugem asiática em todo o estado tem gerado grande preocupação aos produtores.

Neste levantamento houve uma redução na produtividade estimada, recuando para 3.251 kg/ha, 1,9% inferior à última estimativa e 7,3% menor à obtida na safra 2022/23. A produção total ficou estimada em 146.859,2 mil toneladas, 5% abaixo da obtida na safra passada e se configurando como a segunda maior produção já obtida pela oleaginosa.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: o excesso de chuva, típico para o período, sobretudo em relação à região norte mato-grossense, foi bastante positivo para favorecer o desenvolvimento pleno da soja. Todavia, por ocasião da intensidade pluviométrica, em vários momentos houve interrupções das atividades operacionais, bem como a condição provocou um aumento na umidade dos

grãos.

A colheita nas Regiões Norte e Nordeste alcançou 93% do espaço alocado, com produtividade média em torno de 3.400 kg/ha, surpreendendo positivamente os produtores, em comparação com outras regiões que enfrentaram maiores dificuldades devido aos efeitos adversos do clima, no ciclo 2023/24. A qualidade dos grãos está dentro do padrão, contudo alguns lotes colhidos apresentaram umidade bem acima do ideal, ocasionada pelo excesso de chuva.

Embora tenha havido atraso na uniformização pluviométrica, essas regiões apresentaram menor oscilação na frequência da chuva no início da safra. A condição climática, até então positiva, desde dezembro, associada ao alto investimento em sementes de qualidade com alto potencial produtivo e manejo adequado, contribuíram para a boa performance das localidades em comparação às outras regiões do estado.

A infestação de pragas está sendo maior na atual safra, em relação às anteriores, entretanto, estas seguem controladas. De modo geral, as lavouras estão predominantemente entre os estágios R6, R7 e R8, ou seja, da fase final vegetativa à maturação, demonstrando boa condição fitossanitária. Estima-se que a colheita deve ser finalizada no final de março.

Nas Regiões Sudeste e Leste, a colheita cobriu 68% da área destinada à cultura. O rendimento médio é de 3.120 kg/ha, apresentando uma boa qualidade nos grãos. A produtividade ficou abaixo da estimada inicialmente, considerada intermediária em nível estadual, tendo em vista os efeitos negativos do clima durante a safra, mas acima de outras regiões, a exemplo do Médio-Norte.

As lavouras mais recentemente colhidas, que se beneficiaram da precipitação regular desde dezembro, exibem produtividade superior em comparação aos

talhões colhidos em janeiro, que sofreram com a escassez hídrica no início da safra. Esta circunstância positiva elevou sensivelmente o rendimento das localidades.

Além do contratempo em relação ao clima no início da safra, uma incidência elevada de pragas, como a mosca-branca, lagartas, percevejos e mancha-alvo, foi observada, exigindo vigilância contínua para evitar danos significativos que poderiam reduzir ainda mais o potencial produtivo das cultivares. Os estádios fenológicos variam de floração à maturação, evidenciando uma semeadura escalonada por conta da distinta variação de clima propício para a implantação, até mesmo observado entre regiões rurais de um mesmo município. Diante do atraso na semeadura e replantios, a colheita deve se prolongar até abril.

Já nas regiões médio-norte e oeste, a colheita atingiu 90% do espaço alocado à cultura, com rendimento médio abaixo de 3.000 kg/ha, registrando a pior produtividade média entre as regiões avaliadas. Tal desempenho afetou o resultado em nível estadual, pois estas regiões são as que detêm as maiores áreas cultivadas da oleaginosa, puxando a média ponderada de Mato Grosso para 3.096 kg/ha.

A qualidade dos grãos, em sua maioria, mantém-se dentro do limite de tolerância, contudo, várias amostras têm demonstrado peso de 1.000 grãos inferiores à média, revelando restrição hídrica em momentos cruciais durante a evolução vegetativa. Ainda que tenha havido uma ligeira elevação na produtividade nas áreas beneficiadas com a chuva regular após dezembro, esta não foi suficiente para impedir maiores reduções na performance produtiva das localidades.

Tradicionalmente, devido à forte aptidão no cultivo de algodão e milho de

segunda safra, estas regiões iniciaram suas semeaduras antecipadamente em comparação com outras partes de Mato Grosso, buscando um adiantamento no ciclo de desenvolvimento das lavouras de soja, com o objetivo de usufruir da janela ideal de cultivo das principais culturas do segundo ciclo. Tal manejo deixou essas áreas mais vulneráveis às oscilações climáticas, que demoraram a se regularizar, culminando em um resultado inferior em relação às últimas safras. Além disso, por conta da semeadura escalonada, cujo desenvolvimento



Foto 13 - Soja maturação - Querência-MT

Fonte: Conab.

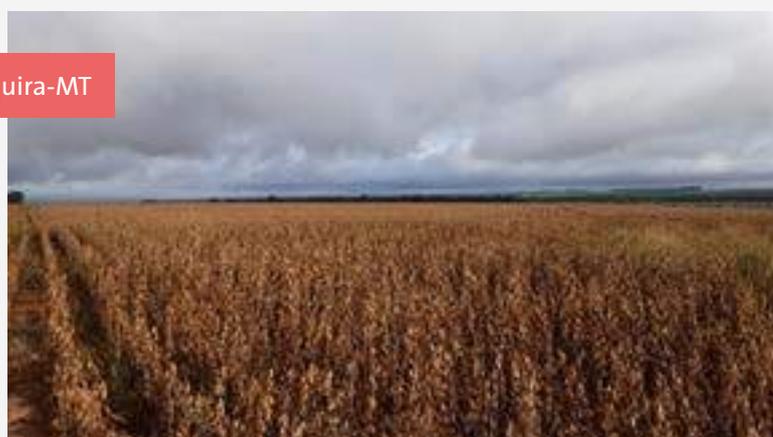


Foto 14 - Soja maturação - Itiquira-MT

Fonte: Conab.



Foto 15 - Soja colheita - Alto Garças-MT

Fonte: Conab.

das plantas apresentaram estádios variados em lavouras tão próximas, impediu o controle simultâneo entre propriedades vizinhas de acordo com a fase da planta, de modo que facilitou a migração de pragas e doenças, exigindo mais investimento dos produtores para evitar maiores perdas.

Rio Grande do Sul: a semeadura da cultura foi encerrada em fevereiro no Rio Grande do Sul, visto que 2% da área foi semeada em outubro, 53% em novembro, 41% em dezembro, 3% em janeiro e 1% em fevereiro. São 6.673,1 mil hectares cultivados com a cultura no estado.

A cultura, que enfrentou dificuldades e atraso na operação de semeadura em razão das chuvas excessivas, recentemente passou por uma estiagem entre 16 de janeiro e 12 de fevereiro, e agora lida com grande disseminação de esporos da principal doença da cultura, a ferrugem asiática (*Phakopsora pachyrhizi*). Conforme relatório do mês anterior, a concentração da semeadura no período após 20 de novembro e até 20 de dezembro resultou em várias lavouras atingindo os estádios fenológicos críticos de definição da produtividade entre o final de janeiro e durante fevereiro. Diante da restrição hídrica observada em algumas lavouras entre janeiro e fevereiro, percebe-se um decréscimo no

rendimento estimado inicialmente, porém não configura quebra generalizada na produção, apenas uma redução no potencial produtivo da lavoura.

No caso da ferrugem asiática (*Phakopsora pachyrhizi*), as condições meteorológicas prejudicaram o manejo da doença, uma vez que no início do ciclo o excesso de chuvas impediu a entrada das máquinas nas lavouras e durante a estiagem as condições meteorológicas impediam boa eficiência dos defensivos agrícolas. Ocorre que, com o desenvolvimento da cultura, o controle da doença na parte inferior do dossel é menos eficiente, facilitando a instalação e proliferação da doença.

O resultado é que, atualmente, a doença apresenta esporos em todas as regiões do estado e alguns informantes já apontam pequenas perdas decorrentes da doença. Com o retorno das precipitações a partir de meados de fevereiro, as condições das lavouras melhoraram e foi possível retomar o manejo fitossanitário das lavouras. Junto com os fungicidas são aplicados produtos para controle de pragas oportunistas que tendem a aparecer com maior intensidade nessa época. Mais de 75% das áreas já alcançaram o período reprodutivo. De modo geral, a condição das lavouras ainda é boa. As perdas apontadas impactam sobre o potencial produtivo das lavouras, mas não sobre a perspectiva inicial da companhia. Assim, a estimativa inicial de produtividade de 3.280 kg/ha foi mantida, ressaltando que as condições meteorológicas deverão ser adequadas até o final do ciclo, para que esta estimativa se concretize, haja vista que componentes do rendimento, como número de grãos por pé e peso dos grãos ainda estão sendo definidos.

Paraná: Inicialmente o clima afetou negativamente a cultura no plantio, na germinação e no seu desenvolvimento inicial devido ao excesso hídrico causado pelo excesso de chuvas de outubro e novembro, com consequentes erosões, baixa luminosidade e até baixas temperaturas. Mais tarde, com as

condições climáticas mais secas e demasiadamente quentes de dezembro e parte de janeiro, houve uma piora nas condições das lavouras, afetando ainda mais as suas produtividades, como ocorrência de encurtamento do ciclo da soja, abortamento de vagens e de grãos, principalmente nas regiões norte e oeste.

A partir da terceira semana de janeiro ocorreram maiores precipitações na maior parte das regiões produtoras, beneficiando a cultura com plantio mais tardio, mas atrapalhando as operações de colheita das lavouras que já estavam prontas.

Com 52% das áreas colhidas, houve nova redução na produtividade estimada, que neste levantamento se encontra em 3.255 kg/ha, 15,7% inferior ao obtido na última safra. Atenta-se ao fato que, a redução da produtividade desta cultura deve-se às condições climáticas e suas consequências, principalmente, a falta de umidade no solo durante as fases primordiais para uma produção normal (floração e enchimento de grãos), causando encurtamento de ciclo, morte de plantas, abortamento de flores, vagens e grãos, o que aconteceu, principalmente no norte e oeste paranaense, e especificamente, na região do arenito paranaense.

Santa Catarina: no Planalto Norte e região Serrana o estágio predominante das lavouras é o de enchimento de grãos. A ocorrência de períodos com altas temperaturas e de chuvas esparsas nas duas regiões causaram impacto negativo na sanidade e qualidade das lavouras.

No meio-oeste, o plantio da segunda safra está iniciando nas restevas de milho e chega a 30% da área estimada. Nesta região, as primeiras lavouras colhidas mostram uma redução do potencial produtivo devido ao excesso de chuva durante o plantio e desenvolvimento das plantas. Doenças como a

ferrugem asiática estão presentes em boa parte das lavouras mais precoces, necessitando maior atenção por parte do produtor. Com as chuvas ocorridas nos últimos dias, os tratamentos fitossanitários ficaram comprometidos, o que tende a aumentar a pressão dos patógenos.

No extremo-oeste, a colheita está em andamento, destacando que os rendimentos do que foi plantado logo no início da janela de semeadura têm mostrado resultados modestos. Contudo, a tendência é que as produtividades melhorem, uma vez que as áreas semeadas mais tarde se depararam com um clima menos adverso. Ambas as safras estão apresentando problemas de sanidade devido à incidência de ferrugem asiática e outras doenças, bem como o aumento de pragas como o percevejo.

A volta das chuvas contribuiu para a restauração dos níveis apropriados de umidade no solo.

Goiás: o melhor regime de chuvas de fevereiro, comparado com janeiro, melhorou as condições gerais das lavouras, principalmente as de ciclo médio e tardio que estão na fase de enchimento de grãos. Este mês também foi caracterizado por um aumento significativo da velocidade da colheita da soja no estado, devido a antecipação do ciclo da cultura, principalmente no sul, maior região produtora e responsável por 73% da área cultivada.

O índice de colheita aproxima-se de 63% no estado. Ocorreram momentos de paralisação da colheita por causa das precipitações, mas foram pontuais. Os rendimentos estão melhorando à medida que a colheita avança, mas a variação de produtividades entre regiões e mesmo dentro das mesmas propriedades, continua muito grande. Os armazéns vêm recebendo soja com aspecto melhor em relação ao início da colheita, na qual os grãos estão maiores, mais pesados, claros e baixo percentual de ardidos. As lavouras de

ciclo precoce foram colhidas e tiveram baixos rendimentos. Variando de 420 kg/ha a 2.100 kg/ha.

Na região oeste, mais de 30% de área foi colhida, e a maior parte das lavouras se encontram entre enchimento de grãos e maturação. As chuvas colaboraram com as lavouras plantadas tardiamente. Algumas pragas pressionam estas lavouras em virtude das condições climáticas favoráveis. Já na região norte, o calendário de plantio concentra-se em novembro. Cultivares de ciclo tardio são mais utilizadas pelos produtores. Muitas dessas lavouras estão em fase de floração e enchimento de grãos, mas a colheita já avança em diversas áreas.



Foto 16 - Soja maturação - Apore-GO

Fonte: Conab.

Na região sudoeste, cerca de 80% das áreas já foram colhidas, visto que ainda restam aproximadamente 16% de lavouras em maturação e 4% ainda em enchimento de grãos. De um modo geral, observou-se melhora nas condições de desenvolvimento da cultura, principalmente devido à melhora nas precipitações em lavouras que se encontravam em enchimento de grãos durante o último levantamento. As lavouras colhidas de meados de fevereiro

para frente foram plantadas mais tardiamente e sofreram menos os efeitos da escassez de chuvas e altas temperaturas ocorridas principalmente entre outubro e novembro na região.

Mato Grosso do Sul: o clima durante a primeira quinzena de fevereiro foi muito instável, com chuvas esparsas e de baixos volumes, afetando parte considerável da soja de ciclo médio e provocando antecipação da maturação, com consequente redução no peso dos grãos. As regiões mais afetadas foram a sudoeste e leste, ou seja, todo o centro-sul do estado, uma vez que para o centro-norte as pancadas de chuvas foram mais constantes e mais bem distribuídas, apesar de também ter gerado pontos de estresse hídrico.

Houve uma melhora climática na segunda quinzena de fevereiro, o que favoreceu aproximadamente 20% da área de soja que ainda se encontra na fase reprodutiva. O período caracterizou-se por intensificação das colheitas, uma vez que houve antecipação da maturação das lavouras devido às condições do clima, com redução da produtividade e qualidade dos grãos, pois nesses



Foto 17 - Soja enchimento de grãos - Paraíso das Águas-MS

Fonte: Conab.

talhões afetados a quantidade de avariados, chochos e grãos esverdeados foi acima do tolerado.

Também ocorreu migração de pragas para as lavouras mais jovens, com destaque para a elevação populacional de percevejos e mosca-branca, exigindo intensificação das pulverizações para controle desses insetos. Adicionalmente foram realizadas as últimas doses de fungicidas protetores, uma vez que as doenças de final de ciclo também estão aumentando por conta da pressão de esporos no ambiente.

Minas Gerais: a colheita da soja ganhou ritmo ao longo das últimas semanas e atingiu 45% das áreas. Ressaltamos que esse índice só não foi maior porque as chuvas dos últimos 30 dias têm interrompido as operações na região noroeste. Conforme já abordamos em relatórios anteriores, esse adiantamento em relação à última safra justifica-se pelo encurtamento do ciclo provocado pelas elevadas temperaturas, mesmo com o plantio atrasado.

Logo, foi possível ter mais clareza sobre o potencial da área de soja no estado. Em relação à produtividade, observamos que as áreas com predominância de materiais de ciclo precoce, principalmente as que foram semeadas mais cedo, tiveram correções a menor, enquanto naquelas onde temos maiores percentuais de ciclos médio e longo, as correções foram a maior, de maneira que a produtividade estadual se manteve constante. Devido à ampla janela de semeadura, ainda temos um pequeno percentual de lavouras em desenvolvimento vegetativo, mas a grande maioria das áreas se encontram em maturação.

Reiteramos as preocupações de técnicos e produtores com a mosca-branca, principalmente na região noroeste, pois esta praga além de causar danos diretos pela sucção de seiva e injeção de toxinas, causa também danos

indiretos pela transmissão de viroses e pelo favorecimento no desenvolvimento da fumagina. Além disso, destacamos que no Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba, as lavouras plantadas na segunda quinzena de novembro em diante tiveram maior incidência de ferrugem e mofo-branco devido à elevada umidade do período.

São Paulo: a colheita no estado já supera os 65% da área destinada à oleaginosa. As primeiras áreas semeadas, com variedades precoces, foram muito afetadas pelas precipitações irregulares e altas temperaturas, comprometendo fortemente o seu potencial produtivo, causando redução de seu ciclo e queda acentuada de produtividade.

Em contrapartida, a soja que foi semeada a partir da segunda quinzena de outubro e ainda durante novembro, tiveram melhores condições de desenvolvimento. Porém, essas áreas também foram impactadas pela redução das precipitações, a partir da segunda quinzena de dezembro, e pelas altas temperaturas. Esses problemas ocorreram em todas as regiões do estado, resultando em nova redução na produtividade estimada.

Distrito Federal: no início da semeadura as expectativas eram de redução de produtividade, motivada pela escassez hídrica, porém na sequência, as chuvas se regularizaram o que beneficiou sobremaneira a cultura, afastando o cenário pessimista do produtor. Verificou-se um pequeno ataque da cigarrinha, porém sem afetar a produtividade estimada neste levantamento. A colheita já foi iniciada, estando o restante das áreas em maturação e enchimento de grãos.

Bahia: as lavouras de soja apresentam bom desenvolvimento, com qualidade inferior à safra passada, mas superando as expectativas iniciais. Os estádios de desenvolvimento são variados, havendo desde lavouras no estágio inicial de desenvolvimento vegetativo até lavouras em fase de colheita. Há relatos

de infestação por mosca-branca, mas sem perdas significativas.

A irregularidade hídrica e altas temperaturas em novembro e dezembro provocaram perdas no florescimento e formação das vagens nas lavouras irrigadas e prejudicou a germinação e crescimento inicial das lavouras de sequeiro. Estima-se o replantio de 14% da área cultivada, e a colheita alcança 8% da área semeada.

Maranhão: o plantio da presente safra de soja foi iniciado em outubro e finalizado em fevereiro de 2024, em razão da grande extensão territorial do estado e do diverso regime de chuvas.

Houve atraso de plantio em relação ao ano anterior devido às chuvas insuficientes para implantação e manutenção das lavouras, principalmente em dezembro e janeiro de 2024. Em fevereiro de 2024, o retorno das chuvas possibilitou a finalização da semeadura da oleaginosa e a recuperação das lavouras. Estas apresentam-se nos estádios de emergência, desenvolvimento vegetativo, floração, enchimento de grãos, maturação e colheita.

Na região sul maranhense, nos Gerais de Balsas, houve expansão de área de plantio, em substituição, principalmente, da área de milho primeira safra. Apesar das dificuldades iniciais de implantação pela falta de chuvas, com replantio de diversas áreas, houve recuperação das lavouras, com as boas chuvas ocorridas nas últimas semanas. Não estão previstas grandes perdas no rendimento da cultura nessa região, como o esperado anteriormente, e a colheita já alcança 16% da área cultivada.

Já nas regiões oeste e centro maranhense, o plantio foi finalizado com atraso. Áreas que sofreram com a estiagem após o início do cultivo passaram por replantios, como no município de Bom Jardim, na microrregião do Pindaré.

Com o retorno das chuvas e sua maior estabilidade, a maior parte das lavouras apresenta bom desenvolvimento.

No levantamento foram confirmadas diversas áreas com novos plantios de soja nos municípios presentes na microrregião do Pindaré, no oeste do estado e do Médio Mearim, no centro do estado, bem como aberturas de áreas para plantios nas próximas safras.



Foto 18 - Soja desenvolvimento vegetativo - Esperantinópolis-MA

Fonte: Conab.

No leste maranhense, no nordeste do estado, nas regiões de Chapadinha e do Baixo Parnaíba Maranhense, as lavouras foram totalmente semeadas até o final de fevereiro de 2024, tanto das áreas de plantio e de replantio. O retorno expressivo das chuvas favoreceu as lavouras, que se encontram desde a emergência até início de enchimento de grãos.

Para a safra 2023/24, no levantamento em questão, a área estimada de plantio de soja do Maranhão é de 1.244,0 mil hectares, com expansão significativa de 11,8%, em relação à safra anterior, devido às expansões de área em todas

as regiões produtoras, sendo mais significativas no leste, oeste e centro do estado.

A produtividade estimada foi de 3.256 kg/ha, com redução de 7,3% em relação ao ano anterior, em razão das condições climáticas prejudicadas pelo fenômeno El Niño, causando plantios atrasados.

Piauí: para a safra 2023/24, se confirmou novamente um aumento significativo de área, justificada pela abertura de novas áreas e pela migração de áreas cultivadas com milho na safra anterior. A expectativa de possível diminuição da área estimada inicialmente por conta da perda da janela de plantio, não se confirmou, mantendo-se o quadro que vinha se apresentando. As condições climáticas têm-se apresentado favoráveis.

O plantio foi finalizado, e o quadro fenológico apresenta-se bastante diverso, reflexo do avanço irregular da semeadura em virtude da irregularidade das chuvas. No geral, as lavouras de soja no Cerrado piauiense se apresentam em boas condições, desde o município de Sebastião Leal, onde tem início o cultivo das primeiras lavouras no sudoeste até o Município de Corrente no extremo-sul do estado.

Este quadro de semelhança nas condições da cultura é reflexo das chuvas que ocorreram em fevereiro e atingiram praticamente toda a região produtora, favorecendo as lavouras que se encontravam em momento crítico da sua fenologia e estas chuvas foram decisivas para fixar a produtividade em níveis mais elevados. Há que se destacar neste cenário, as lavouras do município de Baixa Grande do Ribeiro, onde se observa historicamente produtividades mais elevadas, fato que deve se repetir mais uma vez nesta safra. A colheita já foi iniciada em algumas áreas deste município que iniciaram a semeadura no final de outubro.

Tocantins: o clima chuvoso nos últimos dias atrasou os trabalhos de colheita no estado, que só alcança 55% da área cultivada e continua atrasada em relação à última safra. A qualidade da soja colhida apresenta melhora à medida que a colheita avança. As primeiras áreas colhidas chegaram a ter 9% de grãos avariados. Na região centro-norte do estado, em municípios produtores como Tocantínia e Guaraí, as produtividades médias alcançam 3.200 kg/ha. Já na região oeste, onde se encontram Abreulândia e Caseara, as produtividades médias superam os 3.500 kg/ha.

Já no sul do estado, na região de Santa Rosa, as lavouras foram as mais afetadas pelas irregularidades climáticas que ocorreram até meados de dezembro, resultando em produtividades médias de 2.400 kg/ha, uma das mais baixas do estado, até o momento.

Pará: no polo Santarém, noroeste do estado, a soja apresenta ótimo desenvolvimento, mesmo com as baixas precipitações ocorridas. O tipo de solo na região, mais argiloso e com maior capacidade de retenção de água, tem sido um aliado do produtor neste ano de adversidades climáticas. No polo da BR-163, no noroeste, a colheita já alcança 35% da área, porém as precipitações constantes têm atrasado os trabalhos e provocado avarias nos grãos. Essa situação também ocorreu no polo de Redenção, no nordeste do estado.

Já no principal polo do estado, o de Paragominas, que pertence à região intermediária de Castanhal, o plantio sofreu atraso devido à demora na regularização das chuvas e veranicos após a sua implantação. No entanto, passada essa fase, o clima se estabilizou e a maior parte das áreas apresenta bom desenvolvimento. A colheita no estado já alcança 35% da área semeada.

Rondônia: as áreas implantadas na região sul do estado foram favorecidas pela presença de chuvas desde o plantio, enquanto na região centro-norte

a realidade foi outra. As chuvas se iniciaram de forma muito esporádica e só se firmaram a partir da primeira semana de dezembro, atrasando em muito o calendário agrícola desta safra. Esta escassez hídrica enfrentada trouxe prejuízo à dinâmica de produção dos campos. Muitas áreas demonstraram perdas significativas de germinação e fenecimento, sendo necessário o replantio delas. Outras, foram substituídas de pronto por outra cultura, como o arroz, milho e sorgo.

Atualmente, o regime climático se mostra estável, mas já ocorreram perdas irreversíveis de produtividade já contabilizadas neste levantamento. No sul do estado já foi iniciada a colheita e nas demais regiões ainda encontramos lavouras em fase inicial de frutificação, maturação e início de colheita. Foi observado em campo um aumento considerável das áreas destinadas ao cultivo dessa commodity, resultando em elevação da estimativa de área, que agora se encontra em 635,5 mil hectares.

Amazonas: após um longo período de estiagem, atrasando o plantio dos grãos em 60 dias, o plantio foi finalizado no estado, e as lavouras apresentam bom desenvolvimento

Acre: devido às baixas precipitações ocorridas em outubro e novembro, ocasionadas pelo fenômeno do El Niño, houve atraso no plantio da soja. A partir de dezembro ocorreu uma regularização das chuvas, que permitiu uma boa implantação e desenvolvimento satisfatório da cultura. Em alguns municípios como Capixaba e Senador Guiomar, a soja encontra-se em ponto de maturação, no entanto, as chuvas frequentes dificultam as operações de colheita.

QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - SOJA

Legenda - Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

Legenda - Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2023/2024								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
RO	Leste Rondoniense	1,18		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
PA	Sudeste Paraense	1,65		S/E	E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	1,71		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Oriental do Tocantins	1,43		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
MA	Sul Maranhense	1,85		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense	2,48			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	5,01			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense	19,20	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	6,21		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,86	S/E	S/E/DV	DV/F	F	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Sudeste Mato-grossense	4,65	S/E	S/E/DV	DV/F	F	EG/M/C	M/C	C		
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,17		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,25		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
GO	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	3,53	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Noroeste Goiano	0,68		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Goiano	0,60		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,65		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,94		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MG	Sul Goiano	8,74		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Noroeste de Minas	1,95		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,19		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
SP	Assis	0,84		S/E/DV	E/DV/F	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Itapetininga	1,09		S/E/DV	E/DV/F	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	

UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2023/2024								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
PR	Centro Ocidental Paranaense	0,92	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Norte Central Paranaense	1,99		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense	1,51		S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense	1,55		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Oeste Paranaense	1,19	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	0,60	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	1,83		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Paranaense	1,00		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C
SC	Oeste Catarinense	0,76		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	
RS	Noroeste Rio-grandense	3,33		S	E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,78		S	E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Rio-grandense	1,18		S	E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	0,92		S	E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

Estoque de passagem 31 de dezembro.

OFERTA E DEMANDA

A Conab reduz a estimativa de produção de grãos de soja para a safra de 2023/24 em 2,54 milhões de toneladas, passando de 149,4 milhões de toneladas para 146,86 milhões de toneladas.

Essa redução na produção é resultado de uma estimativa menor de produtividade, causada por condições climáticas adversas nos principais estados produtores do Brasil.

Como consequência, as exportações também serão reduzidas em 1,83 milhão de toneladas, saindo de uma estimativa de 94,16 milhões de toneladas para 92,33 milhões de toneladas.

Diante da quebra de safra atual, as estimativas de importações são aumentadas de 200 mil toneladas para 800 mil toneladas.

Há uma redução de 829 mil toneladas nas estimativas de esmagamento para a safra 2023/24, resultante de uma redução nas previsões de exportação de farelo de soja e óleo de soja. Esse decréscimo de exportação dos subprodutos é ocasionado por uma safra menor e, conseqüentemente, menor exportação de farelo e óleo de soja, mas sobretudo devido à estimativa de aumento da safra na Argentina.

TABELA 16 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SOJA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
SOJA EM GRÃOS	2022/23	5.962,1	154.609,5	181,0	160.752,6	55.591,7	101.862,6	3.298,2
	2023/24	3.298,2	146.858,5	800,0	150.956,7	55.873,4	92.329,8	2.753,6
FARELO	2022/23	1.385,5	40.758,5	0,1	42.144,1	17.800,0	22.473,5	1.870,6
	2023/24	1.870,6	40.192,8	1,0	42.064,5	18.000,0	20.000,0	4.064,5
ÓLEO	2022/23	508,1	10.509,3	21,4	11.038,8	8.395,0	2.332,6	311,2
	2023/24	311,2	10.602,4	50,0	10.963,6	9.262,0	1.400,0	301,6

Fonte: Conab e Secex.

Nota: Estimativa em março/2024.

Estoque de passagem 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).



TRIGO

ÁREA

3.264,7 mil ha

-6,0%

PRODUTIVIDADE

2.937 kg/ha

26%

PRODUÇÃO

9.587,9 mil t

18,4%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab

TABELA 17 - TRIGO

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018	2.042,4	2.657	5.427,6
2019	2.040,5	2.526	5.154,7
2020	2.341,5	2.663	6.234,6
2021	2.739,3	2.803	7.679,4
2022	3.086,2	3.420	10.554,4
2023	3.473,4	2.331	8.096,8
2024	fev./24	3.477,0	10.199,8
	mar./24	3.264,7	9.587,9

Fonte: Conab.

A cultura está na entressafra, ocasião em que os produtores analisam se as variáveis relacionadas ao mercado, previsão climatológica, entre outros fatores, são interessantes para a realização da semeadura do trigo ou de outra cultura. Por estar em um momento de planejamento, foram utilizados modelos estatísticos para estimativa inicial de produtividade, considerando as condições climáticas possivelmente enfrentadas no decorrer do ciclo.

Em relação à eficiência produtiva, a flutuação de 26% ocorre devido à safra

anterior ter experimentado uma substancial redução nas colheitas dos principais estados produtores. O ajuste na produtividade, realizado por meio de análises estatísticas, aponta para o restabelecimento dos níveis normais de rendimento. Já a área a ser cultivada tem uma expectativa de redução de 6%, especialmente por causa dos altos preços dos insumos utilizados na cultura, além do mercado não estar atrativo para os produtores, neste momento.

OFERTA E DEMANDA

Em fevereiro de 2024, os produtores estavam focados na safra de verão, e a indústria, ainda abastecida, segue aguardando as melhores oportunidades de negócios para fazer apenas aquisições pontuais. Por fim, para completar o quadro baixista, a queda nos preços do trigo argentino influenciou o mercado nacional. No Paraná, a média mensal foi cotada a R\$ 64,95 a saca de 60 quilos, apresentando praticamente o mesmo valor de janeiro. Já no Rio Grande do Sul, a média mensal foi de R\$ 62,01 a saca de 60 quilos, com desvalorização de 2,22%.

No mercado internacional, o incremento da produção na região do Mar Negro, principalmente de trigo russo (com preço muito competitivo), a previsão de aumento da safra norte-americana e a desvalorização de outras commodities favoreceram a desvalorização mensal de 2,83%, sendo a média mensal da cotação FOB Golfo de US\$ 277,65 a tonelada.

A Conab revisou os números referentes à área, produtividade e produção da safra 2024/25, que iniciará em agosto de 2024 e encerrará em julho de 2025. A estimativa é que sejam plantados 3.264,7 mil hectares (-6%), com

produtividade de 2.937 kg/ha (+28%) e colhidos 9.587,9 mil toneladas (+18,4%). Com a retração da produção, em relação ao último levantamento, foi reajustado o quantitativo de importação, passando de 5.000 para 5.500 mil toneladas. Mediante essas alterações, a previsão é encerrar a safra vindoura com 864,6 mil toneladas.

TABELA 18 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2018	2.387,4	5.427,6	6.738,6	14.553,6	11.360,8	582,9	2.609,9
2019	2.609,9	5.154,7	6.676,7	14.441,3	11.860,6	342,3	2.238,4
2020	2.238,4	6.234,6	6.007,8	14.480,8	11.599,0	823,1	2.058,7
2021	2.058,7	7.679,4	6.080,1	15.818,2	12.049,8	3.045,9	722,5
2022	722,5	10.554,4	4.514,2	15.791,1	12.394,1	2.656,6	740,4
2023*	740,4	8.096,8	6.200,0	15.037,2	12.643,6	2.000,0	393,6
2024**	393,6	9.587,9	5.500,0	15.481,5	12.616,9	2.000,0	864,6

Legenda: (*) Estimativa (**) Previsão.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em março/2024.

Estoque de passagem: trigo 31 de julho.

Para mais informações sobre o progresso da safra de trigo, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

Mato Grosso do Sul: a houve deficit hídrico na região produtora, no leste do estado, durante a primeira quinzena de fevereiro, afetando o enchimento de grãos de parcela considerável de lavouras, reduzindo a estimativa produtiva de cultivos.

Esta cultura necessita de manejo, devido ao solo ficar exposto, aumentando os efeitos das altas temperaturas e da falta de chuvas. Nos últimos dez dias de fevereiro melhorou a disponibilidade de umidade na localidade.

Além disso, com a colheita dos primeiros talhões, foi possível observar que houve deficiência no enchimento de grãos dos primeiros talhões que foram semeados nesta safra, os quais apresentaram menor peso e, conseqüentemente, reduziram a produtividade. No atual período houve pressão populacional de tripes, praga que é favorecida pela baixa umidade, e relatos de surtos de complexo de lagarta, com ataques por *Spodoptera* spp e cabeça vermelha. Com aproximadamente 60% das lavouras atingindo a maturação, a colheita intensificará em março.

Paraná: excessos de precipitação, registrados em outubro e novembro de 2023, assim como períodos secos e quentes nos em dezembro e janeiro, afetaram a cultura, que tem sua maior parte plantada na região do noroeste paranaense, especificamente em Paranavaí.

Em fevereiro, as chuvas retornaram com mais regularidade, favorecendo as

condições das lavouras, que hoje são consideradas boas.

A cultura está principalmente nas fases de floração, frutificação e maturação, com a colheita iniciada.

Com 82% da área do estado, Paranavaí é a maior região produtora no Paraná. A produção desta região é destinada para subsistência, visto que o excedente é comercializado com empacotadores ou com pequenas fábricas de doces regionais.

Ceará: as chuvas em 2024 estão ocorrendo de forma irregular. Contudo, as precipitações em fevereiro vieram a ocorrer de forma tardia, com chuvas somente após o décimo dia do mês. Com isso, diversos produtores ainda estão aguardando as chuvas se consolidarem para iniciar o plantio.

O plantio ocorre em regiões de serra, por conta dos bons regimes de chuvas.

Paraíba: as estimativas de condições climáticas para as regiões produtoras são favoráveis, uma vez que a época de plantio se inicia com a estação chuvosa nas regiões do Litoral e Agreste, em meados de março e início de abril.

A produção de amendoim na Paraíba abastece o mercado consumidor estadual, e parte é vendida in natura na Ceasa de Pernambuco.

QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica		
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva
	 Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	 Média Restrição - Excesso de Chuva
	 Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	 Alta Restrição - Excesso de Chuva
		 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
		 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
		 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Amendoim primeira safra - Safra 2023/2024						
			OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
SP	Araçatuba	3,59	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Araraquara	6,25	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Assis	4,33	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Bauru	11,72	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Marília	24,03	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Presidente Prudente	16,70	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Ribeirão Preto	15,50	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	São José do Rio Preto	10,99	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2022)/Conab.

GERGELIM

Pará: nesta safra, o gergelim torna-se uma grande opção para o cultivo na segunda safra em detrimento ao milho, que apresenta preços considerados insatisfatórios para os produtores, devendo ser o balizador para a tomada de decisão em optar pelo gergelim.

Além do polo Paragominas, com quatro municípios (Paragominas, Ulianópolis, Dom Eliseu e Rondon do Pará), o polo Redenção também poderá experimentar áreas de gergelim em substituição ao milho segunda safra.

GIRASSOL

Rio Grande do Sul: o estado encerrou a colheita do girassol. Sob ação do fenômeno El Niño, a região produtora foi incessantemente atingida por temporais, chuvaradas, ventanias e granizo, especialmente durante o estágio de implantação, estabelecimento e formação do capítulo e floração.

Além dos patógenos, a cultura também amargou algumas perdas pelo excesso de chuvas e nebulosidade nos períodos de formação do capítulo, floração e enchimento de grãos, afetando processos fisiológicos como a polinização e síntese de reserva oleica, bem como acamamento de plantas por tempestades e ventos fortes.

As chuvas recorrentes que dificultaram o manejo de defensivos nas lavouras também prejudicaram a maturação e colheita das áreas sob condições adequadas. A alta umidade e a grande frequência de altas temperaturas tornaram o ambiente das lavouras propício à proliferação de doenças fúngicas e bacteriosas. Devido à incidência de patógenos, ao tempo instável e a maturação desuniforme, alguns produtores tiveram que dessecar e adiantar a colheita dos grãos, colhendo algumas lavouras com 20% a 27% de umidade, trazendo maior dificuldade nos processos de recepção e armazenamento.

A produtividade média do Rio Grande do Sul encerrou em 16,3% abaixo da expectativa inicial. Apesar das intempéries, o grão entregue aos beneficiadores tem boa qualidade e bom teor de óleo, com média de 37% de teor oleico.

Goiás: plantios pontuais, até o momento, iniciados em 15 de fevereiro, e a maior parte das áreas devem ser semeadas até março.

Estima-se que 33,5 mil hectares devem ser cultivados no estado. O sudoeste do estado deve dobrar a área plantada, atingindo 8,2 mil hectares, frente aos 4 mil hectares semeados na safra anterior.

A área pode aumentar à medida que os produtores negociarem contratos e adquirirem sementes nos próximos dias.

Distrito Federal: estima-se que 15% das lavouras já foram semeadas. A área foi definida em aproximadamente 700 hectares, semelhante à cultivada no ciclo 2022/23.

O plantio deverá se intensificar ao longo de março, de acordo com calendário agrícola.

Vale ressaltar que a produção de girassol no Distrito Federal é destinada totalmente ao comércio local, onde é vendida no varejo a criadores de pets, principalmente para alimentação de aves ornamentais.

MAMONA

Bahia: espera o aumento da área cultivada, com a redução do cultivo de sequeiro e ampliação do cultivo irrigado. A alta produtividade obtida pelos cultivos de irrigados tem estimulado os investimentos e a expansão.

A redução da produtividade deve-se ao atraso do plantio das lavouras de primeiro ciclo, devido ao estresse hídrico (sequeiro e irrigado), às lavouras de segundo ciclo de sequeiro que estavam em estado de estresse, atrasando o desenvolvimento do segundo ano de produção, e às lavouras irrigadas, que apresentaram problemas de frutificação devido à elevada temperatura e à

baixa umidade do ar, fenômenos observados em novembro e dezembro de 2023.

As chuvas ocorridas durante fevereiro favoreceram o plantio e o desenvolvimento das lavouras.

As lavouras irrigadas de primeiro e segundo ciclo seguem com bom desenvolvimento, encontrando-se lavouras em todas as fases do ciclo fenológico, desde o plantio até a colheita e, com as chuvas, houve redução do custo de irrigação.

O conforto hídrico e térmico, gerado pelas chuvas, favoreceram o desenvolvimento das lavouras que se apresentam com ótima qualidade. As lavouras de sequeiro de segundo ciclo apresentam ótima recuperação vegetativa, e o plantio das novas lavouras segue acelerado e deve ser finalizado até abril.

Ceará: a cultura ocorre de forma residual no estado. Já houve diversos programas que incentivavam o plantio, principalmente para a produção de biodiesel. Hoje são poucos os produtores que realizam o plantio.

SORGO

Pará: cultura de segunda safra e cultivado em sucessão à soja ou milho, dependendo da janela de chuvas da localidade para ser semeado. Em Paragominas se cultiva uma boa parte da área de sorgo, seguido de regiões mais ao sul como Santa Maria das Barreiras e Santana do Araguaia. A estimativa para esta safra é de pouca evolução, pois o sorgo sofre concorrência com o gergelim.

Tocantins: a semeadura tem início em março, e espera-se uma recuperação das áreas para esta safra em virtude da redução da safrinha em algumas regiões.

Maranhão: o cultivo de segunda safra, após a colheita da soja, ocorre principalmente na região sul, com semeadura prevista para março, e espera-se aumento de área em relação à safra anterior.

Piauí: cultura rústica e mais resistente ao déficit hídrico, o sorgo tem apresentado uma área de cultivo crescente. Nesta safra, onde as condições climáticas não têm sido tão favoráveis e deve impactar ainda mais a segunda safra de milho, a perspectiva é de aumento de área das lavouras de sorgo.

Rio Grande do Norte: cultura com dupla aptidão vem se tornando uma das principais alternativas de alimentos volumosos para os rebanhos, sobretudo os bovinos, já que a maior parte da produção da planta vai para ração animal.

Bahia: espera-se o crescimento do cultivo em relação à safra passada por conta da expansão agrícola e da redução do cultivo do milho, oportunizando o fim da estação chuvosa num cultivo de baixo custo. As chuvas ocorridas durante fevereiro favoreceram o desenvolvimento das lavouras. O sorgo segue como alternativa à cultura do milho nos quadros de restrição hídrica, seja como medida de enfrentamento à seca ou como cultivo de segundo ciclo.

Mato Grosso: a cultura rompe com a tendência de perda de espaço registrada ao longo dos últimos anos e, em 2023/24, observa uma recuperação de sua área plantada. O cenário de clima mais seco e de riscos climáticos mais elevados sobre as lavouras têm favorecido culturas mais resistentes ao clima seco, como é o caso do gergelim e do sorgo. Este representa opção bastante

válida nesse contexto, sendo um substituto ao milho na formulação de ração animal e até mesmo para produção de etanol.

Mato Grosso do Sul: A estimativa pré-plantio indica forte retração da área estadual cultivada, explicado principalmente pelo custo de produção que está muito próximo ao do milho e a sua cotação inferior, que normalmente gira em torno de 80% daquele cereal, além da dificuldade de encontrar agentes armazenadores que aceitam receber o grão no momento da colheita.

Goiás: a semeadura iniciou-se em áreas pontuais, mas ainda é bastante incipiente, com apenas 8% da área já semeada. O plantio deve ganhar velocidade à medida que o calendário para o milho safrinha se reduz, devendo concentrar-se fortemente em março.

Distrito Federal: o plantio deve ocorrer a partir de março, estendendo-se até final de abril. Para a safra 2023/24 estima-se que a área cultivada seja semelhante à área semeada na safra passada, não havendo indicativo de alteração, até o presente levantamento.

Minas Gerais: a semeadura ocorre em municípios do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, onde a área estimada do sorgo já ultrapassou a área de milho segunda safra. A área semeada ainda é muito incipiente. Apesar da intenção positiva em relação ao aumento de área da cultura, representado neste levantamento, não se descarta uma possível redução em virtude das restrições de crédito para custeio de culturas de segunda safra e devido às intenções crescentes para outros tipos de cultivo. Em razão da evolução da área a ser cultivada, estima-se um aumento inicial na produção em relação à safra passada.

QUADRO 9 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- SORGO

Legenda - Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Sorgo - Safra 2023/2024							
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PA	Sudeste Paraense	1,99		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	2,89		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense	2,61		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	3,66	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	6,05		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MS	Leste de Mato Grosso do Sul	1,97		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	2,14		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MT	Sudeste Mato-grossense	1,33		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense	2,84		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Centro Goiano	1,26		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
GO	Leste Goiano	5,27		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sul Goiano	28,34		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas	4,09		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	17,52		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	M/C
	Araçatuba	2,89		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
SP	Bauru	1,42		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Itapetininga	2,87		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
PR	Norte Central Paranaense	1,35		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2022)/Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

Com a colheita das culturas de inverno da safra 2023 encerrada, a Conab passa a estimar a safra 2024, que deverá ser semeada a partir de abril.

Assim, as primeiras estimativas são baseadas em modelos estatísticos, traduzindo em produtividades, que comumente acontecem em condições climáticas projetadas para o ciclo atual da cultura.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de inverno, [clique aqui](#).



MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO E
AGRICULTURA FAMILIAR

